

BASES DO
APRENDIZADO
para a alfabetização







BASES DO APRENDIZADO para a alfabetização



1ª Edição: 2021

americanas sa



2ª Edição: 2023



Ficha Técnica

Fundação Amazônia Sustentável (FAS)

Virgílio Viana - Superintendente Geral

Valcléia Solidade - Superintendente de Desenvolvimento Sustentável

Victor Salviati - Superintendente de Inovação e Desenvolvimento Institucional

Luiz Villares - Superintendente Administrativo-Financeiro

Michelle Costa - Superintendente de Gestão e Planejamento

Programa Educação para a Sustentabilidade (PES)

Fabiana Cunha - Gerente de programa

Coordenação de Projetos Educacionais

Amandio Oliveira da Silva - Coordenador de Projetos

Arielle Raquel do Nascimento Reis - Estagiária

Thais Chagas Mesquita - Estagiária

Equipe Pedagógica

Silvana Barbosa de Souza - Supervisora Educacional

Avana Franco Cavalcante - Auxiliar Pedagógica

Zélia Barroso Santos - Auxiliar Pedagógica

Aline Batista Souza - Consultora

Bases do Aprendizado para a Alfabetização

Projeto editorial: Aquarela Educação e Cultura

Texto: Nathalia Flores e Priscila Santos

Revisão: Alessandra Marimon (1ª Edição) e João Cunha (2ª Edição)

Projeto gráfico: Aquarela Educação e Cultura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bases do aprendizado para a alfabetização /
[organização Fundação Amazônia Sustentável]. --
1. ed. -- Manaus, AM : Fundação Amazonas
Sustentável, 2021.

ISBN 978-65-89242-36-9

1. Alfabetização 2. Amazônia 3. Educação ambiental
4. Sustentabilidade ambiental I. Sustentável,
Fundação Amazônia.

21-69270

CDD-304.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação ambiental 304.2

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



Foto: Samara Fabiane Nunes de Souza

O Programa de Educação para a Sustentabilidade

Promover o direito à educação, saúde e cidadania em comunidades ribeirinhas é um dos objetivos estratégicos da FAS para o alcance do desenvolvimento sustentável na Amazônia. Por isso, desde 2012 a Fundação estabeleceu o Programa de Educação para a Sustentabilidade (PES), que implementa um conjunto de projetos e iniciativas para facilitar e aprimorar o acesso à educação relevante, aos direitos à arte e cultura, à formação profissionalizante e atenção básica de saúde nas Unidades de Conservação onde atua.

O PES conta com a parceria da Americanas, na categoria doador “Ouro”, e da Samsung Brasil e Bradesco, na categoria doador “Prata”, e apoio do BNDES, além de diversas empresas privadas e instituições governamentais e não governamentais e organismos internacionais.

Os projetos e ações do PES estão voltadas ao desenvolvimento de soluções e políticas públicas direcionadas à atenção integral da primeira infância da criança ribeirinha, à mobilização para o acesso a direitos de adolescentes e jovens, a educação básica, complementar e profissionalizante em áreas remotas e ao desenvolvimento de modelos de saúde voltados para a realidade amazônica, alinhados com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável.

Conheça nossos projetos!





Bases do Aprendizado para a Alfabetização

Esta publicação é a continuidade dos esforços empenhados pela Fundação Amazônia Sustentável (FAS) no ano de 2014 com o livro Bases do Aprendizado para o Desenvolvimento Sustentável e igualmente visa contribuir para a melhoria da educação em comunidades ribeirinhas do Amazonas.

O Bases do Aprendizado para a Alfabetização objetiva impulsionar o alcance de resultados relacionados à garantia do direito de aprender e ao cumprimento da Meta 5 do Plano Nacional de Educação (2014/2024), prioritariamente em escolas públicas localizadas em Unidades de Conservação (UCs) no estado do Amazonas, onde os avanços em alfabetização infantil mostram-se ainda como um desafio a ser superado no sistema educacional brasileiro, e com o Objetivos de Desenvolvimento Sustentável - ODS 4: Educação de Qualidade, meta 4.1 que prevê, até 2030, a garantia de que todas a juventude complete o ensino primário e secundário gratuito, equitativo e de qualidade, o que deverá conduzir a resultados de aprendizagem relevantes e eficazes.

De acordo com a Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA-2016), apenas 29,7% das crianças de oito anos de idade da região Norte alcançaram as competências básicas de leitura e somente 46,9% delas apresentaram competências de escrita em nível adequado e desejado. Isso reforça nosso propósito e a necessidade de colaborar para o fortalecimento das redes de ensino público, por meio da formação continuada dedocentes, num esforço de otimização de processos pedagógicos que priorizem a utilização de recursos disponíveis nas comunidades, partindo de temas associados ao contexto local, garantindo o direito de toda criança a ter uma educação de qualidade e que auxilie no desenvolvimento pleno de si e de sua comunidade.

Em termos estratégicos, acreditamos na aprendizagem experiencial como metodologia que possibilita a construção do conhecimento por meio das vivências. O objetivo é que professores, estudantes e comunidades estejam envolvidos de maneira ativa e engajada, desenvolvendo práticas lúdico-educativas, refletindo e construindo sentidos e significados no processo de ensino-aprendizagem.



Caro(a) Professor(a),

O *Bases do Aprendizado para a Alfabetização* é uma ferramenta de apoio ao seu fazer pedagógico em sala de aula. O livro apresenta 26 Guias de Atividades (GDAs), distribuídos em sete capítulos com os seguintes temas: 1. Frutos, 2. Fauna, 3. Utensílios & Embarcações, 4. Culinária, 5. Ambiente, 6. Agricultura Familiar e 7. Cultura Indígena.

O livro também conta com recurso visual composto de 26 fichas com alfabeto ilustrado, o **Alfabetário Amazônico**, para tornar a sua sala de aula um ambiente mais alfabetizador e estimulante. Desejamos que, com inspiração de **A a Z**, você e sua turma gerem outros tantos significados sobre elementos, contextos, culturas e vivências amazônicas. Que aprendam, ensinem, se inquietem e produzam novos conhecimentos e saberes.

“Somos professores(as) a favor da esperança que nos anima, apesar de tudo...”. Estamos no mesmo barco, remando juntos pela educação de crianças na Amazônia!

Boas aulas!



Foto: Samara Fabiane Nunes de Souza

Sumário

Alfabetização: Estimulando a leitura em sala de aula	10
Compreendendo a estrutura do livro	12

1. Frutos

A - Açaí	17
I - Ingá	21
U - Urucum	25

2. Fauna

B - Boto	31
D - Dourada	35
G - Gavião	39
J - Jaraqui	43
M - Mutuca	47
O - Onça	51

3. Utensílios & embarcações

C - Canoa	57
E - Escama	61
P - Paneiro	65
R - Remo	69
Z - Zagaia	73

4. Culinária

F - Farinha	79
T - Tapioca	83

5. Ambiente

L - Lago	89
N - Natureza	93
Q - Queimada	97
V - Várzea	101

6. Agricultura familiar

H - Horta	107
S - Sementes	111

7. Cultura indígena

K - Kokama	117
W - Waku-sese	121
X - Xingú	125
Y - Yanomami	129

ALFABETÁRIO ILUSTRADO
Recurso pedagógico parte
integrante do livro

Alfabetização: estimulando a leitura em sala de aula

No processo de construção das competências de alfabetização, a leitura deve ocupar um lugar de destaque nas aulas das classes das séries iniciais. Tal estímulo contribui para a formação de pessoas competentes e criativas na leitura e escrita. Professores(as) devem fazer da sala de aula um espaço onde estudantes possam vivenciar uma prática textual intensa e múltipla para que sejam capazes de compreender diferentes textos. É importante e necessária uma experiência de leitura que desperte e cultive o desejo de ler para que se torne eficiente do ponto de vista pedagógico. Para isso, é preciso qualificar as formas de trabalhar a leitura na sala de aula, destacando-a como atividade prioritária no ensino.

É essencial fazer da sala de aula um espaço para vivenciar e interpretar uma variedade de textos, o que fortalece o processo de aquisição da leitura.

As pessoas leem para:

- Sentir o texto, dialogar com a pessoa que escreveu a obra, ou, simplesmente, para usufruí-la sem perguntas e sem questionamentos. É a leitura por prazer.
- Buscar informações e coletar dados. É a leitura para pesquisa.
- Ampliar os conhecimentos, apossando-se do que já foi construído pela humanidade.
- Esclarecer dúvidas e buscar respostas. Pergunta-se ao texto.
- Estudar o texto. Saber o quê e como a pessoa autora pensa e posiciona-se frente a determinado assunto.

Ao escolher um livro, um conto, uma crônica, uma reportagem ou qualquer outro tipo de texto, quem lê tem uma determinada expectativa e objetivo que procura satisfazer e/ou alcançar. A leitura é um aprendizado essencialmente significativo, ativo, com objetivos claros e relacionados ao conhecimento anterior e às expectativas da pessoa que lê. Não há leitura sem um “por que se lê”. Assim sendo, ela é antecipatória – a pessoa que lê sabe o que busca

Objetivos da leitura:

- Fazer perguntas ao texto – a leitura que busca informações;
- Escutar o texto – a leitura que estuda o texto;
- Usar o texto para algum fim – a leitura-pretexto;
- Desejar fruir o texto – leitura por prazer.

A leitura ensina e treina a pronúncia, estimula a oralidade, habilita o dialeto padrão e o uso da norma culta da língua, consolida e amplia o repertório ortográfico para escrita de palavras. É estímulo indispensável na fase inicial da escolarização e deve ser intencional-

mente planejada e conduzida de modo a alcançar seus objetivos.

As pessoas lêem para reescrever o que estão lendo, para descobrir a conexão entre o texto e o contexto do texto, e também para vincular o texto/contexto com seus contextos. Lê-se para fazer da leitura não uma mera decodificação de uma mensagem, mas sim para fazer dela uma atividade interativa entre pessoa-autora-leitora-texto-contexto.

O tópico **Roda de Leitura** em cada GDA pode ser conduzido de diversas formas. Deixamos aqui algumas dicas para incentivar a prática contínua e a formação de hábito:

- Leitura em voz alta: realizada pelo(a) professor(a);
- Leitura participativa: o(a) professor(a) e estudantes realizam leitura de trechos (frases ou parágrafos);
- Leitura representativa: o(a) professor(a) realiza leitura e estudantes interpretam com gestos, expressões faciais ou corporais os elementos apresentados;
- Leitura responsiva: os(as) estudantes são divididos em grupos e cada grupo lê um trecho do texto (frases ou parágrafos), sendo que o(a) professor(a) coordena leitura;

Amplie esse exercício de leitura indo além dos textos sugeridos pelo livro - utilize outros conteúdos escritos que sejam de interesse da turma. Faça uma seleção de livros a partir daqueles disponíveis na escola e organize o espaço de leitura: os livros podem ser dispostos numa estante ou num cesto em sala de aula e deve-se combinar um horário de leitura diário entre 20-30 minutos - ideal para a criação de hábito. Insira essa atividade em seu planejamento de aula e crie formas de avaliá-la.

“Se fosse ensinar a uma criança a arte da leitura, não começaria com as letras e as sílabas. Simplesmente leria as histórias mais fascinantes que a fariam entrar no mundo encantado da fantasia. Aí então, com inveja dos meus poderes mágicos, ela desejaria que eu lhe ensinasse o segredo que transforma letras e sílabas em histórias.”

- Rubem Alves (trecho da crônica “Como ensinar”)



Compreendendo a estrutura do livro

O livro está organizado em sete capítulos que destacam elementos da região amazônica, valorizando seus aspectos, valores e contexto: frutos, fauna, utensílios & embarcações, culinária, ambiente, agricultura familiar e cultura indígena.

As fichas de capítulos apresentam os seguintes tópicos:



Descritivo

destaca os principais pontos abordados no capítulo.



Objetivos de aprendizagem

apresenta o código alfabético em destaque.



Perguntas norteadoras

roteiro de questões que orientam a reflexão sobre temática proposta e estimulam a participação e a oralidade. As perguntas são aplicadas pelo(a) professor(a), para estimular a participação e envolvimento da turma. O ideal é que todas as pessoas possam participar e apresentar sua opinião.



Atividade de nivelamento

atividade pedagógica proposta com o intuito de verificar o conhecimento da turma sobre o tema, deve ser aplicada no início das atividades do capítulo e pode ser reaplicada ao final para verificar a evolução da turma.

Cada Guia de Atividade (GDA) é composto dos tópicos:



Tema

destaca um elemento regional relacionado ao alfabeto no intuito de conectar ensino e aprendizagem com o contexto amazônico, de modo lúdico e atrativo.



Sabendo mais

apresenta informação técnico-científica sobre o tema, a partir de fontes oficiais e seguras. Um texto que permite a quem ensina “saber mais” para compartilhar com a turma.



Roda da leitura

apresenta texto relacionado ao tema, com apelo lúdico/cultural/literal: poemas, poesias, lendas, contos, parlendas, crônicas, letras de música que expressam o regionalismo e a cultura amazônica.



Hora da interpretação

consiste em questões de interpretação de texto da Roda de leitura, com perguntas objetivas e subjetivas e não havendo uma resposta certa ou errada, pois trata-se de um exercício de reflexão e comunicação que incentiva a capacidade de expor opinião e de lidar com diferentes opiniões.



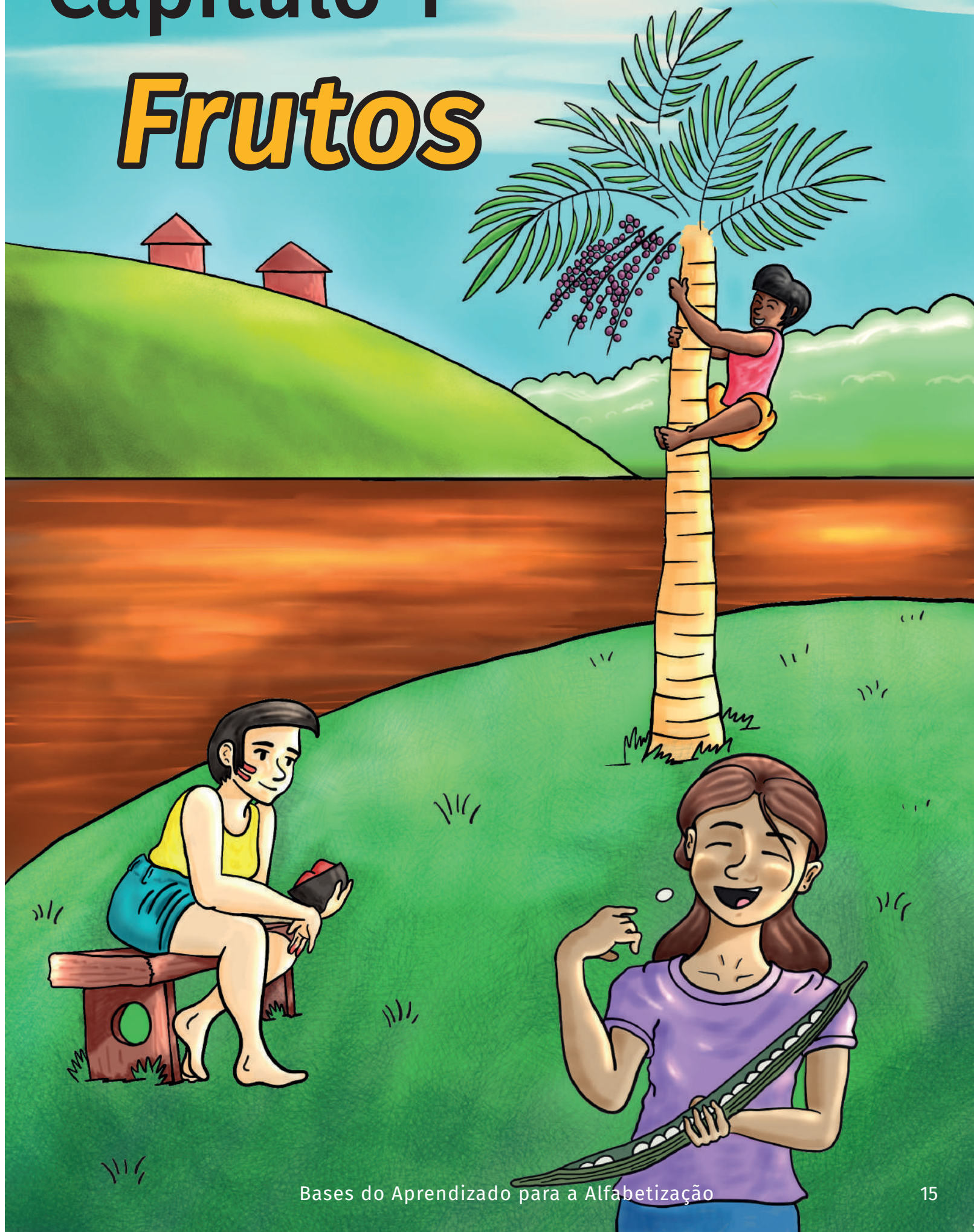
Na prática

atividade prática manual ou física como: brincadeiras, experiências/experimentos criativos e sensoriais, desafios, vivências que permitam aprender interagindo com o rio, a floresta, a casa de farinha, o roçado, a trilha e a vida em comunidade. O passo a passo das atividades é brevemente descrito para que o professor possa replicá-las com sua turma. Mais de uma atividade pode ser sugerida neste tópico.



Capítulo 1

Frutos



Frutos



Descritivo

Este capítulo destaca alguns dos deliciosos sabores e das curiosas formas de uso dos frutos regionais. Da casca à semente, os frutos são alternativa alimentar e econômica para as populações ribeirinhas. Segundo a Embrapa, a Amazônia Brasileira concentra 44% das 500 espécies de frutas nativas de todo o Brasil. Estudos mencionam a existência de 220 plantas produtoras de frutos comestíveis na região. Vamos descobrir um pouco mais sobre o açaí, o ingá e o urucum.



Objetivo de aprendizagem

Conhecer e identificar as letras A, I, U;



Perguntas Norteadoras

- O que são frutos?
- Quais frutos vocês já comeram?
- Qual é sua fruta favorita? Por quê?
- Que frutos da região vocês conhecem?
- Quais frutas têm no seu quintal?
- Quais frutas você gostaria de ter no seu quintal?



Atividade de nivelamento

Reúna sua turma para um exercício de desenvolvimento de oralidade. Aplique as Perguntas norteadoras, registre na lousa ou em cartolinas, com letra de forma, os nomes de frutos/frutas que forem citadas, em seguida convide os(as) estudantes para circularem as letras A, I, U nas palavras. Estimule a participação de todos e todas, já que quanto mais frutos forem citados, mais legal será a atividade. Após esse “aquecimento”, inicie a aplicação do Guia de Atividade (GDA).



Tema



Açaí



**Sabendo
mais**



No estado do Amazonas, a principal espécie de açaí é o açaí solteiro (*Euterpe precatoria*). De uma planta de açaí aproveita-se praticamente tudo: as folhas servem para cobertura de casas; as fibras das folhas para tecer chapéus, esteiras, tapetes e cestos; o estipe (tronco) para a construção de casas e cercas; o cacho seco serve como vassoura; o caroço como adubo e para confecção de artesanato (colares, brincos, adornos, cortinas); o palmito como alimento e as raízes como produto medicinal.

No entanto, o principal produto do açaizeiro é a polpa dos frutos, com a qual se faz um suco conhecido popularmente como “vinho de açaí”, além de sorvetes, picolés, geléias, corante e outros produtos. O açaí é bastante apreciado pela população da Amazônia e recentemente tem conquistado outras regiões do país, principalmente em razão do seu valor energético e nutritivo. A forma mais usual de consumo comercial em outras regiões é como creme semi congelado em tigela, combinado com frutas, cereais, leite e outros.

EMBRAPA. Manejo de açaí solteiro (*Euterpe precatoria* Mart.) para produção de frutos. Acre. Junho, 2004.



Roda de Leitura

A Lenda do Açaí

Diz a lenda que, há muitos anos, na Floresta Amazônica, onde hoje existe a cidade de Belém, havia uma nação indígena muito populosa. Com o passar dos tempos, o grupo ficou tão grande que os alimentos, até então fartos na região, começaram a faltar. Foi aí que o cacique Itaki, grande líder da tribo, teve que tomar uma decisão muito cruel. Para que não faltasse alimento aos mais velhos, Itaki resolveu que, a partir daquele dia, as crianças que nascessem seriam sacrificadas. E assim foi até que a filha do cacique, uma jovem chamada laçã, teve que sacrificar sua linda filhinha recém-nascida. Desesperada, laçã chorava todas as noites de saudades da filhinha que não pôde criar.

Depois de ficar vários dias enclausurada em sua maloca, laçã pediu ao deus Tupã para mostrar ao seu pai uma forma de alimentar seu povo sem ter de sacrificar os pequeninos. Sensibilizado com a dor de laçã, o deus indígena decidiu mostrar outro caminho ao cacique Itaki. Em uma noite de lua cheia, laçã ouviu do lado de fora de sua oca o resmungar de uma criança. Ao olhar, viu que lá estava sua linda filhinha, sorridente, ao lado de uma palmeira. laçã correu rumo à palmeira e abraçou a filha que, misteriosamente, desapareceu no abraço da mãe. Inconsolável, laçã chorou a noite inteira, até desfalecer.

No dia seguinte, o corpo de laçã foi encontrado abraçado ao tronco da palmeira. No rosto, a moça triste trazia um semblante sereno, até mesmo feliz. Seus olhos negros fitavam o alto da palmeira, que estava salpicada de pequenos frutos escuros. Interpretando a cena como uma bênção de Tupã, Itaki mandou apanhar os frutos. Com eles, foi possível fazer um forte e nutritivo suco avermelhado que dava para alimentar todo o povo. Em homenagem à filha, Itaki deu à palmeira generosa o nome de açaí, que significa laçã invertido. Desde aqueles tempos, lá pelas bandas da Amazônia, a fatura da palmeira do açaí alimenta o povo Itaki e todos os outros da região.

A lenda do açaí, o fruto sagrado do povo de Itaki. Disponível em: <https://www.xapuri.info/news/a-lenda-do-acai/> acesso: 28 set. 2020.



Hora da interpretação

1. Você já conhecia essa lenda?
2. Se sim, como a conheceu? Quem a contou para você?
3. Por qual motivo as crianças da tribo precisavam ser sacrificadas?
4. Segundo a lenda, por que os pequenos frutos escuros da palmeira receberam o nome de açaí?
5. Você gosta de açaí? Como gosta de consumi-lo?
6. Como poderíamos descrever um açaizeiro? Cite o máximo de características e detalhes da árvore e do fruto.
7. Quem já ajudou a preparar o vinho de açaí? Compartilhe conosco como foi.
8. Sua comunidade produz algum produto a partir do açaí? Se sim, qual ou quais?



Na prática

Atividade: Anagrama de açaí

Materiais: polpa de açaí, sementes de açaí, cola branca, folhas de papel e elementos da natureza, que substituirão os pincéis, como: folhas, sementes, gravetos e penas soltas (nada de arrancar penas das aves).

Como fazer: Organize sua turma no dia anterior e verifique quem poderá trazer algum material, estimulando todos a colaborar nessa etapa. Escolha um espaço externo, com sombra, próximo a escola, para a realização dessa atividade e tenha por perto um balde com água para lavagem das mãos após a pintura. Para preparar a tinta, você pode misturar a polpa com um pouco de cola branca (para melhor fixação), na proporção de 1 para 1, ou seja, 1 copo de polpa para 1 copo de cola. Divida a turma em grupos de quatro integrantes e entregue, para cada grupo, quatro folhas de papel para fazerem pintura ou colagem de sementes com as letras da palavra AÇAÍ, uma em cada folha de papel.

Quando todos os grupos terminarem de produzir suas letras e enquanto os trabalhos estiverem secando, explique que os grupos deverão tentar formar palavras com as letras que produziram. Isso consiste no anagrama, um jogo de palavras, cujo desafio é combinar, de diferentes maneiras, as letras de uma palavra, formando outras palavras, com ou sem sentido definido, e não é preciso usar todas as letras. Recorde a turma que na lenda do açaí o cacique fez isso, usou as letras do nome da filha, IAÇA, e formou o nome do fruto AÇAÍ. Uma sugestão é que, a cada palavra formada, um grupo desafie o outro a tentar ler a palavra que formaram. Entregue mais 4 folhas para cada grupo e oriente-os para que pintem mais uma palavra de 4 letras que possa ser combinada de formas diferentes para formar novas palavras. A escolha da palavra é livre, mas a regra geral é que tenha 4 letras.





Tema

Ingá



**Sabendo
mais**



O ingá comum, cipó ou de metro é uma das árvores mais conhecidas dos povos tradicionais da Amazônia e cresce nos quintais de terra firme ou na beira do rio. Tem aproximadamente 6 m de altura, possuindo uma copa larga e aberta em forma de guarda-chuva, além de crescer em mata secundária e solo arenoso. É cultivado em área de roça, próximo à casa de moradores, o que proporciona sombra aos cultivos associados às árvores frutíferas. Suas flores são brancas e se formam em cachos que se espalham por toda a folhagem da árvore. Seus frutos têm cerca de 90 cm de comprimento, quando imaturos são verdes e tornam-se pretos quando maduros. Suas sementes são pretas ou amarelas, envoltas em uma camada carnuda que recobre a semente, de cor branca. Sua madeira é utilizada para caixotaria e para lenha e carvão. Seus frutos são vendidos em feixes nas feiras e mercados.

SOUZA, Luiz Augusto Gomes de. Guia da biodiversidade de fabacea e do Alto Rio Negro. Manaus, 2012.



Roda de Leitura

Música: O Pé de Ingazeiro

No fundo do quintal da minha casa,
Tinha um pé de Ingazeiro...
E eu passava a tarde inteira,
Esquecido...
Fazendo qualquer besteira de brincadeira.
No fundo do quintal da minha casa,
Tinha um pé de Ingazeiro...
Mas em compensação
Nasceu uma outra árvore
No meu coração
E essa eu tenho certeza que ninguém.
Ninguém derruba não, ninguém derruba não
O pé de ingazeiro dentro do meu coração.

(Banda Perfume Azul do Sol, Álbum Nascimento, 1974)



Hora da interpretação

1. Qual o nome da árvore que produz o ingá?
2. Na música que conhecemos, onde tinha um pé de ingá?
3. O que o personagem da música gostava de fazer perto do pé de ingá?
4. Você acredita que o pé de ingazeiro que ele canta na música ainda existe?
5. Por que o pé de ingazeiro de dentro do coração dele não pode ser derrubado por ninguém?
6. Próximo onde você mora tem algum pé de ingá? Como ele é? Seu tamanho, cores, flores e frutos?
7. Gosta de comer ingá? Pode descrever como é o fruto do ingazeiro? (suas cores, sabor, como abre)



Na prática

Atividade: Jogo do ingazeiro

Materiais: crachás com as letras I, N, G e Á. Esse material pode ser confeccionado pelos alunos. Divida-os em quatro grupos para que produzam crachás de uma das letras para cada integrante.

Como fazer: Escolha um espaço amplo e plano para realizar o jogo. Cada estudante precisa estar com a letra fixada em uma parte visível do corpo. Para iniciar a brincadeira, divida-os em grupos de quatro para formar a palavra INGÁ. Risque ou marque no chão com pedras os círculos que representarão o ingazeiro, sendo que cada grupo ocupará um círculo. Estudantes que sobrarem serão responsáveis por iniciar o jogo, mas caso não sobre ninguém, o comando será dado pela professora ou professor. O jogo consiste em fazer com que os estudantes troquem de círculo ao ouvirem o comando VENTANIA. Cada um pode escolher para qual círculo ir, mas dentro de cada círculo não podem ter letras repetidas. Quando todos os círculos estiverem ocupados corretamente o jogo reinicia. Uma variação desse jogo é utilizar o comando IN (onde apenas as letras I e N trocam de círculo), GA (onde apenas as letras G e A trocam de círculo) e o comando INGÁ (onde todos precisam trocar de círculo).

Atividade: Escrevendo com algodão

Materiais: algodão (suficiente para que cada estudante receba um pequeno pedaço), cartaz com a palavra ingá em letra de fôrma e cursiva, balde com água.

Como fazer: Escolha uma área com piso de madeira ou cimento que possa ser molhado. Comece a atividade explicando que a palavra INGÁ é de origem indígena e significa, literalmente, “embebido, ensopado”, em referência a sua polpa que pode ser aquosa. Depois distribua para cada estudante um pedaço de algodão, pedindo para mergulhá-lo na água e espremê-lo um pouco para retirar o excesso, de modo que percebam como lembra a textura do ingá. Explique que para a atividade eles deverão molhar o chumaço de algodão na água e tentar escrever no chão a palavra “ingá”. Encoraje e incentive seus estudantes, que podem formar grupos onde cada um fica responsável por uma das letras. Outra sugestão é você escrever no chão com giz e eles, com o algodão molhado, devem “limpar” a palavra, mas oriente-os a seguirem o sentido correto da escrita, para que exercitem a coordenação.



Anotações





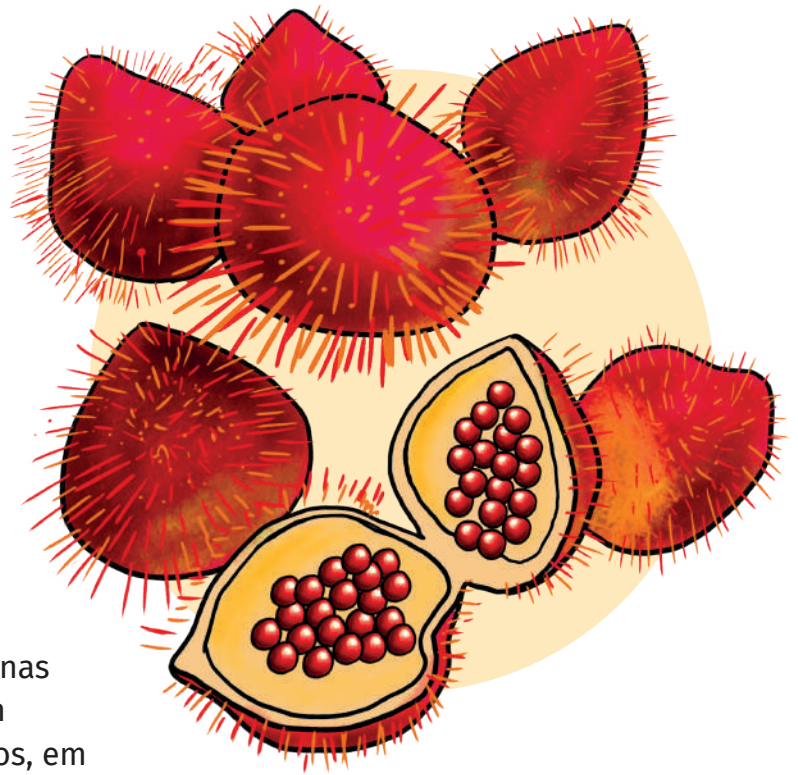
Tema



Urucum



Sabendo
mais



O urucuzeiro é uma planta arbórea, cujo nome científico é *Bixa orellana* L. Originária da América Tropical, pode alcançar até 6 m de altura e seu fruto Urucum, possui um corante avermelhado, que é usado pelos indígenas tanto em aplicação medicinal, como em ornamentos e na proteção contra insetos, em forma de pintura sobre a pele. A propósito, a palavra “urucu” é originária do tupi uru-ku, que significa “vermelho”. O corante, em forma de pó contido no arilo (fina camada carnuda que recobre a semente), é conhecido no Brasil como colorau ou colorífico, e é muito usado na culinária para realçar a cor dos alimentos, embora não possua aroma nem sabor. Sendo um produto natural, o corante de urucum não causa danos à saúde humana, ao contrário do que ocorre com os corantes artificiais, que são comprovadamente cancerígenos. O cultivo do urucuzeiro é praticado por pequenos produtores familiares, para autoabastecimento (consumo próprio) ou como alternativa de complemento de renda.

EMBRAPA. **Urucum. Coleção Plantar. 2a edição**, Ano: 2009 - Brasília/DF.



Roda de Leitura

Urucu ou Urucum

Urucu ou urucum
É o fruto do urucuzeiro
Tenho mais do que um pé
Plantado no meu terreiro
Ele além de ornamental
É também medicinal
Faz-se remédio caseiro.

O seu fruto é rico em cálcio
Fósforo e ferro também.
O chá feito das folhas
Várias serventias têm
Combate tosse e bronquite
E pra tratar hepatite
O chá é próprio e faz bem.
O chá para hemorroidas
Da vagem seca é feito
Quem já ingeriu garante
Que ele faz bom efeito.
Para matar vermes tente
Tomar o chá da semente
O resultado é perfeito.

Semente, folha e Vagem.
Cada um tem sua função
Mesmo sendo natural
É bom ter muita atenção
E não tentar adotar
E a mãezinha tomar
Sem boa informação.

Colorau nunca faltou
Lá em casa na comida
Era feito da semente
Que no óleo era metida
Para sua tinta soltar
Depois com fubá pilar
A mistura colorida.

Era usado pelo índio
Para o seu corpo pintar
Também como repelente
Ou bom protetor solar
Contra picada de insetos
Urucu tem mais trajetos
Vale a pena pesquisar.

Urucum ou Urucu. Disponível em: <<http://cantinhodadalinha.blogspot.com/2015/08/urucum-ou-urucu.html>>. Acesso em: 10 out. 2020.



Hora da interpretação

1. Qual o nome da árvore que produz o urucum?
2. Você tem um pé de urucum no quintal de onde mora?
3. Qual a cor da semente de urucum?
4. Você já tomou o chá das folhas do urucuzeiro? Lembra pra que foi?
5. Como é chamada a mistura colorida feita com as sementes de urucum que usamos no preparo de alimentos?
6. Segundo o cordel de Dalinha Catunda, para que o índio usava o urucum?
7. Você já pintou o corpo com urucum? Gostaria de experimentar?



Na prática

Atividade: Pintura com Urucum

Materiais: cartolinas, frutos de urucum e criatividade

Como fazer: Escolha a sombra de uma árvore próxima a escola, onde você possa colocar uma mesa e algumas cartolinas. Reúna e organize sua classe para coletar urucum em algum quintal da comunidade. Previamente, você terá que identificar o quintal, conversar com a pessoa proprietária e ter o consentimento para coletar os frutos. Depois da colheita, descansam um instante à sombra da árvore, bebam água, preparem a tintura misturando as sementes do fruto e um pouquinho de água em pequenos copos. Só não vale usar copo descartável.

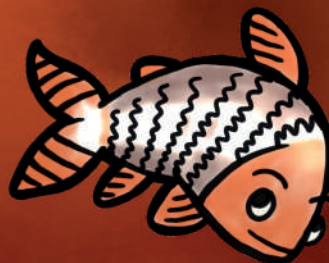
Forme grupo de 3 ou 4 estudantes, em que cada um deve escolher um tema para a pintura com a letra U. Pode ser um animal como: uacari, uirapuru ou um valor como união. Iniciem a pintura coletiva e, em vez de pincéis, usem pequenos galhos, talos de folhas e as próprias mãos. Oriente-os para que escrevam o tema da pintura e o nome dos participantes. Quanto mais completo for o cenário da pintura, mais bonito será.

Com o urucum, vocês também podem realizar pintura corporal, ou ainda arriscar no preparo do colorau – nesse caso, é melhor convidar alguém da comunidade que tenha essa experiência para compartilhar a receita. Tudo isso pode acontecer à sombra da mesma árvore! Bons trabalhos!



Capítulo 2

Fauna



Fauna



Descritivo

Fauna é a palavra usada para descrever o grupo de animais de uma determinada região. Este capítulo destaca algumas espécies emblemáticas da fauna amazônica, uma das mais diversas do mundo: tem bicho lendário, tem peixes, aves, tem inseto e felino. Neste capítulo conheceremos algumas curiosidades sobre boto, dourada, jaraqui, gavião, mutuca e onça. Poderemos ainda lembrar de tantas outras espécies não citadas, mas igualmente importantes para o equilíbrio do bioma. Vamos conhecer mais?



Objetivo de aprendizagem

Conhecer e Identificar as letras B, D, G, J, M, O;



Perguntas Norteadoras

- Que bicho tem na minha comunidade?
- Qual o meu animal favorito?
- Tem algum bicho que aparece em hora específica? Qual? Por que será?
- Quais tipos de aves avistamos na região?
- Quais peixes são mais comuns por aqui?
- Quais insetos aparecem com maior frequência?
- Você sabe imitar o som de algum animal? Qual?



Atividade de nivelamento

Reúna sua turma para um exercício de desenvolvimento de oralidade e expressão corporal. Aplique as Perguntas norteadoras, anote na lousa ou em tiras de cartolinas o nome de todos os animais que forem citados e peça para que imitem os sons e as expressões dos bichos (sons e gestos). Em seguida, retome a leitura das palavras anotadas e verifique a habilidade de leitura da turma. Todos e todas devem participar. Após esse “aquecimento”, inicie a aplicação do Guia de Atividade (GDA).



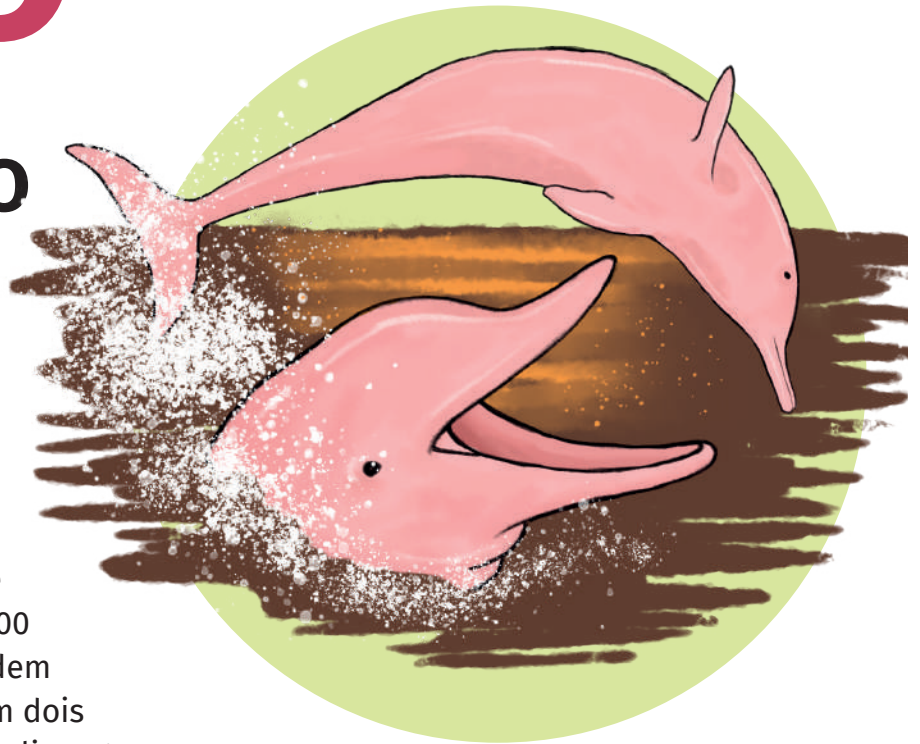
Tema



Boto



Sabendo
mais



O boto-vermelho, também conhecido como boto cor-de-rosa, é o maior golfinho de água doce do mundo, atingindo até 2,5 metros de comprimento e pesando cerca de 200 kg. São animais de vida longa e podem viver até 45 anos. Os botos possuem dois tipos de dentes, permitindo que se alimentem de grande variedade de peixes, inclusive aqueles com carapaças duras e resistentes. São animais solitários e a única associação verdadeira se dá entre a mãe e o filhote.

Inia geoffrensis é o nome científico dessa espécie que sofre grande pressão da captura acidental, do emalramento em redes de pesca e da morte intencional, causada por pescadores devido seu comportamento de retirar peixes das redes, o que danifica os apetrechos de pesca. Outra ameaça é a captura direta de boto para uso como isca na pesca da piracatinga. Por conta disso, no Brasil e no mundo a espécie está listada como ameaçada de extinção na categoria “em perigo”, na lista da União Internacional para Conservação da Natureza (UICN), hoje, o boto é o mamífero aquático mais vulnerável da Amazônia.

Boto-Vermelho (*Inia geoffrensis*). Disponível em: <<http://ampa.org.br/especies/boto-vermelho/>>. Acesso em: 10 out. 2020.



Roda de Leitura

A Lenda do Boto

Conta a lenda que, durante a noite, o boto se transforma em um belo e elegante rapaz e sai das águas à conquista das moças que, não resistindo a sua beleza e simpatia, caem de amores por ele.

Suas mulheres são conquistadas às margens dos rios quando vão tomar banho ou mesmo nas festas realizadas nos interiores próximos de rios. Eles vão aos bailes, sempre de chapéu, para esconder o orifício que têm na cabeça para respirar e para disfarçar o forte cheiro de peixe que exalam e dançam alegremente com elas que se envolvem com seus galanteios e não desconfiam de nada. Só que, depois de apaixonadas, a maioria dessas moças ficam grávidas deste rapaz. É por esta razão que ao boto é atribuída a paternidade de todos os filhos de mães solteiras.

O boto também é considerado protetor das mulheres, pois quando ocorre algum naufrágio em uma embarcação em que o boto esteja por perto, ele salva a vida delas, empurrando-as para as margens dos rios.

Línguas, literaturas e culturas indígenas: lendas, contos e mitos. Disponível em: <https://issuu.com/helaniathomazineporto/docs/linguas__literaturas_e_culturas_ind>.

Acesso em: 30 nov. 2020.



Hora da interpretação

1. Você já conhecia a lenda do boto?
2. Conhece alguma história sobre algo que ele tenha feito por alguém?
3. De acordo com a lenda, por que o boto usa chapéu ao se transformar em um rapaz?
4. Como são os botos que você costuma ver?
5. O boto é considerado ameaçado de extinção, ou seja, ele pode não existir mais. Por que será que ele corre esse risco?
6. O que você e a comunidade podem fazer pela proteção dos botos?



Na prática

Atividade: Boto e Sardinha

Materiais: Disposição para fazer

Como fazer: As crianças dão as mãos e formam uma roda. Uma delas é escolhida para ser a sardinha e ficar dentro da roda. Outra criança é escolhida para ser o boto e ficar fora da roda. O boto tem que tentar entrar na roda para pegar a sardinha e as crianças na roda devem proteger a sardinha para escapar do boto. A atividade pode ficar mais animada se todos cantarem uma cantiga de roda. O professor(a) pode ir dando voz de comando para guiar a brincadeira. Grande roda: as crianças fazem uma grande roda, sem soltar as mãos / pequena roda: as crianças se juntam o mais próximo umas das outras / Boto dança: a criança no papel do boto deve dançar / Sardinha dança: a criança no papel da sardinha deve dançar / Boto ataca: a criança no papel do boto deve furar a barreira para pegar a sardinha e as outras crianças devem impedir. Sardinha pula/ Boto pula/ Sardinha grita/ Boto grita são alguns dos comandos para animar a brincadeira.





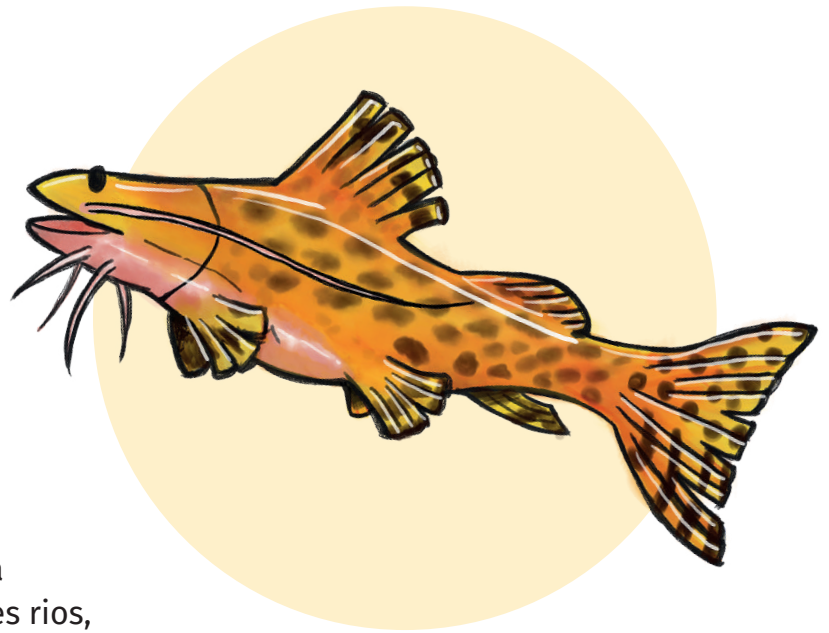
Tema



Dourada



Sabendo mais



Trata-se de um peixe de água doce conhecido popularmente como dourada, cujo nome científico é *Brachyplatystoma flavicans*. Sua distribuição geográfica se dá pela Bacia Amazônica, habitando o leito de grandes rios, poços e trechos abaixo de corredeiras. É um peixe carnívoro, que se alimenta de cardumes de peixes menores, principalmente peixes com escamas.

Realiza longas migrações reprodutivas, percorrendo distâncias superiores a 4 mil quilômetros, levando de dois a três anos para migrar rio acima, antes de desovar. Suas larvas são carregadas rio abaixo pela forte correnteza, alcançando o estuário, seu habitat de crescimento.

A dourada é um peixe muito apreciado por seu sabor, além de conter pouca gordura. É um peixe de couro, com a cabeça prateada e o corpo claro e de reflexos dourados - daí a origem de seu nome comum. A espécie apresenta longos lobos na nadadeira caudal e barbilhões curtos, e é classificada como de grande porte, podendo chegar a cerca de 1,5 m de comprimento total e alcançar até 20 kg.

Dourada. Disponível em: <<http://www.belem.pa.gov.br/ver-belem/detalhe.php?p=18&i=1>>. Acesso em: 17 out. 2020.



Roda de Leitura

A Cheia

Alisson Cavalcante Duarte

Cabeça de peixe, cabeça de peixe
Caiu no meio do terreiro
Caboclo com fome
É caboclo agoniado

Sem o que fazer
Sem o que comer
Anzol na água
Cabeça de peixe na panela

Minha Amazônia cheia
Minha barriga vazia
O que fazer
Sem o que comer

É tanto tempo
Água boiando
E meio tempo
Água boiando

Seja água branca
E só lamento
Seja água preta
Cadê meu sustento

Minha Amazônia, boiada
Tanta água, tanta água
Cabeça de peixe, cabeça de peixe
Matou minha fome

Poemas e Contos Manacapuruenses. IFAM, 2015.



Hora da interpretação

1. Você já viu a dourada? Como é?
2. A dourada recebe esse nome por ter reflexos dourados em seu corpo, mas o que mais na natureza tem essa cor?
3. O poema diz que: “Caboclo com fome é caboclo agoniado”; o que é uma pessoa agoniada? Você já se sentiu assim?
4. Segundo o poema, que utensílio foi colocado na água para conseguir pescar o peixe?
5. De que outras formas podemos pescar? Com quais utensílios?
6. O poema fala de “cabeça de peixe está na panela”, como ele estava preparando esse peixe?
7. Qual o seu peixe preferido? Como gosta de consumi-lo?



Na prática

Atividade: Dourado Pontilhado

Materiais: Pincel atômico, cartolina com a palavra DOURADO em escrita pontilhada e barbante.

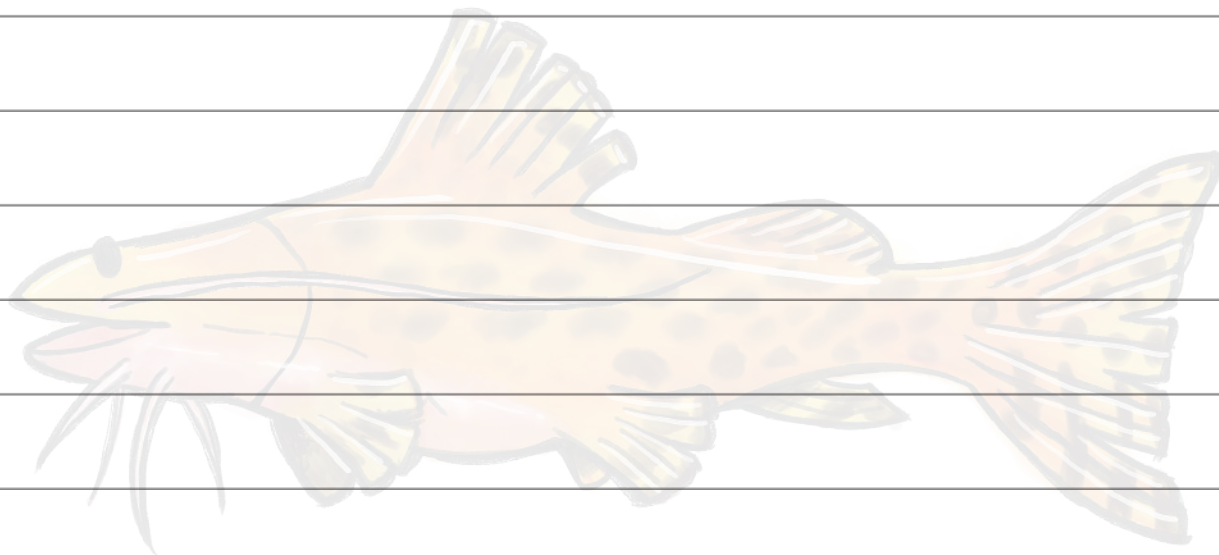
Como fazer: Leve os estudantes para um local onde eles possam observar o ambiente e contemplar o sol. Formem um círculo à sombra de uma árvore, converse com eles sobre a cor dourada, sobre o que ela representa: riqueza, sucesso, conquista, vitória. Ouça e anote os significados da cor na visão dos estudantes. Peça que citem o quê, além do peixe, eles conhecem que possui essa cor. Lembre-os dos raios de sol, do ouro e das medalhas de primeiro lugar, dos troféus. A cor dourada é a cor da vitória, a cor de vencedores, e sinalize que eles precisarão trabalhar em equipe para que todos sejam vencedores.

Amarre o pincel atômico por diversos fios de barbante com 30 cm, de acordo com a quantidade de componentes do grupo. Cada estudante deverá segurar e esticar seu fio de forma a manter a caneta suspensa no centro do círculo sobre a folha de papel. O grupo deverá controlar a caneta e tentar cobrir a palavra pontilhada.

Ao final, compartilhem o resultado e conversem sobre os desafios para a realização da tarefa. Para uma turma mais numerosa, você pode fazer a atividade em dois grupos.



Anotações





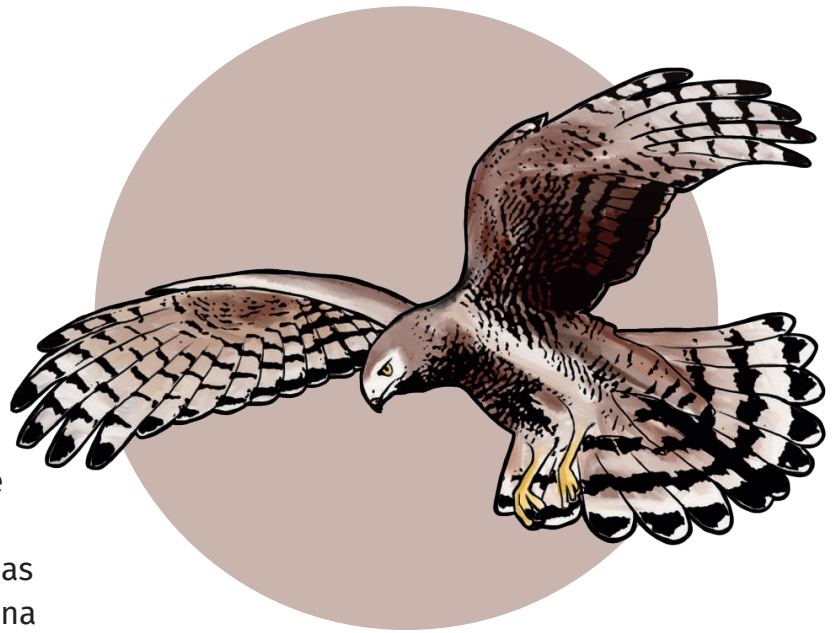
Tema



Gavião



Sabendo
mais



O gavião-real (*Harpia harpyja*) é uma ave de rapina, um predador que caça animais vivos para alimentar o filhote no ninho. Ele também é conhecido como uiraçu ou gavião-pega-nenê. Suas características o tornam a ave de rapina mais possante da América do Sul. Suas garras chegam a 6 cm de comprimento e a força que pode exercer com suas patas equivale a carga de seu próprio peso, que é em média de 5,5 kg para os machos e 8 kg para as fêmeas. Seu comprimento médio total é de 1,05 m e sua envergadura quando adulto pode atingir 2,05 m de uma ponta a outra das asas. Possui uma crista de penas em forma de coroa no topo da cabeça que o identifica como gavião-real.

Alimenta-se principalmente de mamíferos arborícolas (preguiças, macacos e porcos-espinhos), aves e ocasionalmente répteis. O consumo dessas presas pelo gavião-real revela a importância da espécie para as florestas. Como um predador de topo de cadeia alimentar, exerce uma função reguladora nas florestas onde vive, ou seja, controla o número de indivíduos das espécies de presas que consome. Esta função é um processo natural e permite a manutenção do ecossistema em equilíbrio.

Gavião Real. Disponível em: <<http://gaviaoreal.inpa.gov.br/?q=quais-s%C3%A3o-caracter%C3%ADsticas-marcantes-do-gavi%C3%A3o-real>>. Acesso em: 17 out. 2020.



Roda de Leitura

Gavião Real

Chico da Silva - Boi Garantido

Gavião real é um animal
Predador cruel mergulho fatal
Garras afiadas nas caçadas
A realeza pega presa na moral
Voa, voa, voa gavião
Vai caçar noutra chã
Noutro céu, noutra rio
Vai se embora e volta não
Deixa meu campo pro boi bonito
Minha floresta pra minha tribo
Deixa meu peixe pra minha pesca
Deixa a morena pro meu coração



Hora da interpretação

1. Você já viu um gavião real? Como ele era?
2. O gavião real também é conhecido por outros nomes, você sabe quais?
3. Tem uma característica no corpo dessa ave que o identifica como gavião real, você sabe o que é?
4. O gavião real é um predador, o que isso significa?
5. Quais outras aves você conhece? E do que elas se alimentam?



Na prática

Atividade: Galinha e Gavião

Materiais: espaço amplo na comunidade e a vontade de fazer.

Como fazer: O gavião é uma ave forte, comedora de pintinhos, e essa brincadeira de origem indígena, descrita a seguir, demonstra o esforço das outras aves para proteger seus filhotes desse predador.

Escolha um espaço amplo para realizarem o jogo. Um estudante é escolhido para ser o “gavião”, que ficará livre pelo espaço e outro para representar a “galinha”, que ficará de braços abertos. Os demais alunos serão os “pintinhos” e formarão uma fila atrás da “galinha”. Eles devem segurar na cintura de quem está na frente e ninguém deve soltar a cintura do colega. O gavião deverá correr para tentar “comer” um dos pintinhos, mas só pode pegar o último da fila. A galinha tentará evitar dando voltas e mais voltas, impedindo que o gavião pegue algum pintinho. Quando ele consegue, o participante pego fica fora da brincadeira. Os papéis podem ser trocados: o gavião será a galinha, a galinha passará a ser pintinho e o pintinho passará a ser gavião. Ao fim da brincadeira, os participantes devem falar sobre os diferentes papéis desempenhados - protetor, predador, presa -, respondendo perguntas como: que papel é mais fácil e mais difícil de desempenhar e por quê?





Tema



Jaraqui



Sabendo mais



Peixe que tem fama de arrebatador os visitantes do Amazonas pelo seu paladar, o jaraqui é também o mais pescado, comercializado e consumido no estado. O jaraqui e as demais espécies de pescado são a principal fonte de proteína animal para grande parte da população do Amazonas, que é o maior consumidor no Brasil e um dos maiores do mundo. Alimento básico para 500 mil habitantes da zona rural do estado, o pescado tem consumo da renda per capita por ano em comunidades ribeirinhas de até 180 quilos, segundo dados estimados do Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam). Nas sedes municipais, o consumo estimado é de 40 quilos/pessoa/ano e, em Manaus, de 33 quilos/pessoa/ano.

Os jaraquis são encontrados ao longo do rio Solimões/Amazonas e em seus principais tributários, os rios Negro, Madeira e Purus. Sempre foram abundantes e são capturados em grandes cardumes, sendo as espécies mais emblemáticas consumidas pelos amazonenses. Existem duas espécies de jaraqui: o *Semaprochilodus taeniurus* e o *Semaprochilodus insignis*, respectivamente conhecidos como jaraquis de escama fina e de escama grossa.

Jaraqui é o peixe mais pescado, consumido e comercializado no Amazonas. Disponível em: <<http://www.idam.am.gov.br/jaraqui-e-o-peixe-mais-consumido-no-amazonas/>>. Acesso: em 06 out. 2020.



Roda de Leitura

Filhos da Pesca

Rozeana Moreira

Madrugada, sol a raiar, trilha do mato vazia,
e eu me escondia pelo caminho.

No céu sozinho um gavião a voar
me bateu de raspão e comecei a gritar,
ele me viu, me mandou voltar.

Às vezes isso dava certo.

A volta para casa nem sempre era perto,
decidia me levar.

Daí eu me animava, na canoa entrava,
raspando a cuia para tirar água,
a paçoca cantando, o estalo do peixe
boiando...

Escuta o barulho... é o jaraqui, agora é o
bararuá.

Não pegue na lagarta d'água!

Êta, como é bom pescar!

Meu pai, pescador de garateira, bom no fazer,
melhor no usar, o dia inteiro no rio a pescar,
a canoa era boa porque eu podia
no fim do dia te ver voltar.

Mas o barco era ruim

porque quando saía eu sentia a alma vazia
e sabia que ia demorar...

Tardes inteiras a esperar...

Na beira d'água, no tronco sentada,

o pé na água, queixo no joelho.

Ao lado numa casinha um relógio com
uma galinha

marcando os segundos e eu no meu mundo.

Olhar profundo observando o rio.

Tristeza que nunca se viu.

O dia findava, eu voltava pra casa.

A noite lembrava teu jeito

quando o medo apertava eu deitava em
teu peito

alisava tua barba e o medo passava.

A noite avançava, a saudade doía, chorava.

Quando será que ele vai voltar?

Mas sempre tinha um dia que alguém dizia

Olha, já vão chegar.

Daí eu corria pra esperar,

Na beira d'água, no tronco sentada,

o pé na água, queixo no joelho.

Ao lado numa casinha um relógio com
uma galinha

marcando os segundos e eu no meu mundo.

Olhar profundo observando o rio,

de longe um barco, um assobio.

Eu corria n'água pra te abraçar.

Então me carregava e me apertava.

E no teu olhar, o amor que só você pode
me dar.

Poemas e Contos Manacapuruenses. IFAM, 2015.



Hora da interpretação

1. Quais peixes a autora do poema ouviu na água?
2. Como ela preferia que o pai saísse para pescar, de barco ou de canoa? Por que?
3. Qual sentimento a filha sentia quando o pai saía para pescar?
4. Como ela ficava esperando o pai retornar da pescaria?
5. Alguém da sua família é pescador? Como ele ou ela sai para pescar?
6. Você gosta de pescar? Quais peixes já pescou?



Na prática

Atividade: Trilha do Peixe

Materiais: Papel (cartão, cartolina, ofício), lápis de cor, giz de cera, tesouras, saco ou balde.

Como fazer: Você precisará de cartões com desenhos de peixes. Esse material pode ser confeccionado pelos estudantes. Como estamos trabalhando a letra J, escreva no quadro sugestões como: JARAQUI, JATUARANA, JAÚ, JACUNDÁ e outros peixes que conheçam. Você pode determinar qual peixe cada um fará, mas entre as espécies escolhidas é preciso que apenas três ou quatro participantes façam o JARAQUI. Os trabalhos devem ter em média a mesma medida de tamanho.

Depois de finalizados os desenhos, eles devem recortá-los. Você escreverá um número em cada peixe (o 0 deve ser atribuído ao jaraqui e para os outros peixes distribua números como -3, -2, -1, 1, 2, 3, aleatoriamente) e deposite os “peixes” no balde.

A atividade consiste em um jogo de trilha. Divida a turma em duas equipes, e trace uma trilha de 20 casas no mínimo no chão. A primeira casa será o INÍCIO e a última casa é a CHEGADA. Escolha um local de chão de terra ou um se for um pátio - o traço pode ser feito de giz.

Apenas um aluno representará a equipe no jogo como “peão” e os outros revezarão na função de pegar o peixe no balde. Uma equipe é escolhida para iniciar. Um aluno pega um peixe no balde e o número que estiver escrito determinará o número de casas que aquela equipe moverá. Vence a equipe que primeiro ocupar a casa da CHEGADA.





Tema



Mutuca



Sabendo mais

A mutuca pertence à família Tabanidae e apresenta diversas espécies (cerca de 3400 em todo o mundo) que são encontradas em diferentes habitats. A fêmea deposita de 100 a 1000 ovos em superfícies de folhas encontradas em posição vertical, rochas, galhos e vegetação aquática - que é a preferida. A eclosão dos ovos ocorre após 5 a 7 dias e suas larvas caem na água ou solo úmido. O desenvolvimento é lento e pode durar até três anos, mas após esse período a larva penetra no lodo, se transforma em pupa e duas semanas depois eclode e o inseto adulto sai voando. De hábito diurno, a vida da mutuca adulta é de 30 a 60 dias. Os machos alimentam-se de pólen e néctar das flores e as fêmeas são hematófagas, ou seja, alimentam-se de sangue de outros animais.



Lepiselaga crassipes é o nome científico para denominar a espécie de mutuca encontrada no Amazonas, cuja picada é quase indolor, mas causa muita coceira nos dias seguintes. Os insetos ficam esperando pela vítima em áreas sombreadas, sob arbustos e árvores, e usam a visão e o olfato como meio de encontrar suas vítimas. O pico dos ataques ocorre durante o nascer do sol e dura aproximadamente três horas. O segundo pico ocorre duas horas antes do pôr do sol, mas em comunidades onde tem criação de gado ou porco, ou onde há fogo/fumaça, as mutucas podem atacar o dia inteiro.

Controle ecológico de mutucas (tabanidae sp.): experiência no Vale do Ribeira. Disponível em: <<https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/571710/1/art005.pdf>>. Acesso em : 17 out. 2020.



Roda de Leitura

O Sapo Encantado

Tua Yuxibu é o sapo, o canoeiro. Ele sempre canta no verão, vai desovar na praia e as pessoas comem este sapo. E tinha um homem, chamado Ixã, que caçava no mato e nunca encontrava a caça! Os filhos começaram a chorar muito, queriam comer caça. Ixã via as pessoas pegando aquele sapo e foi pegar também para poder comer. Ele fez isso umas cinco vezes. Um dos sapos se transformou numa pessoa e foi falar com ele:

— Ixã, o que que você vai fazer?

— Eu ando querendo pegar sapo para comer.

— Ah, você veio me pegar para comer? Eu vou dar uma arma para caçar outro animal, porque você está acabando conosco. Já somos pouquinhos e você ainda come a gente.

Então o sapo pegou uma palheta para fazer um tipo de mingau. Mandou botar água no fogo e mexer a água com a palheta. Apareceu carne, peixe de todo tipo. Ele deu para os filhos comerem. Foi indo, até que o Ixã desapareceu num poço bem grande!

Ele tinha um filho, que começava a botar o roçado dele trabalhando no sol. A mãe dele começou a reclamar:

— Ah, meu filho, tinha seu pai e seu pai desapareceu lá no poço e justamente agora. Eu vou até lá no poço ver se encontro ele!

A mãe desceu lá no poço e gritou por Ixã:

— Ixã, vem trabalhar com seu filho, que ele está sofrendo sozinho!

— Eu vou amanhã. Vou com o pessoal.

Quando no outro dia, a mulher de Ixã olhou no caminho. De lá vinha um monte de gente, toda qualidade de peixes encantados de gente. Ela os mandou subir e perguntou:

— Quantas pessoas têm? Quem mais ainda vai aparecer?

Aquele monte de gente encantada que veio ajudar o filho dela no roçado desconfiou da mulher e saiu correndo. No que correram, a mulher agarrou o marido dela, que era encantado de sapo. Pedia para ele não ir junto. Nessa hora, o marido virou uma mutuca bem azulzinha. Quando a mulher quis pegar o marido encantado, a mutuca escapuliu da mão dela. E assim é até hoje...

COELHO, Maria do Carmo. As narrações da cultura Indígena da Amazônia: Lendas e histórias. Pontifícia universidade católica de São Paulo. 2003.



Hora da interpretação

1. Por que Ixã foi pegar sapo para comer? E o que o sapo fez para ajudar o Ixã?
2. Por que a mulher de Ixã o chamou de volta do poço?
3. Quando os animais encantados de gente chegaram para ajudar o filho de Ixã no roçado, eles desconfiaram da mulher e fugiram. O que eles devem ter pensado que ela poderia fazer?
4. Para fugir da mulher, em qual animal o marido se transformou? Por que ele deve ter escolhido se transformar nesse animal?
5. Você já pegou uma mutuca? Foi fácil ou difícil?
6. Imagine que, mesmo transformado em mutuca, o marido não conseguisse escapar da mulher e decidisse picá-la, o que a picada da mutuca causaria nela?



Na Prática

Atividade: Pouso da Mutuca

Materiais: Papéis, folhas, cartões com a letra M, partes do corpo, objetos presentes na escola e locais próximos.

Como fazer: Oriente cada aluno a confeccionar uma mutuca, deixando que cada um use os materiais que preferir para representar o inseto. Você produzirá cartões com palavras que iniciem com a letra M e que estejam ao alcance dos alunos como: MÃO DIREITA, MÃO ESQUERDA, MINDINHO, MAMILO, MESA, MURAL, MANGUEIRA, MOTOR, MULHER, entre outros. Coloque esses cartões virados sobre uma mesa, de forma que os alunos não saibam qual será escolhido. Conte a eles uma história sobre uma escola de mutucas que gostavam de pousar sobre vários locais e mostre os cartões. Após a leitura e a cada cartão exposto, os estudantes deverão levar a mutuca para pousar sobre esse local e retornar até você para saber onde será o próximo pouso das mutucas.

Ex: “Era uma vez uma mutuca que resolveu pousar na mão esquerda do José, e depois voou para a mão esquerda da Maria. Como foi rapidamente espantada, rapidamente voou e pousou na mulher que passava bem perto do motor de luz...”

Crie seu próprio enredo criativo e adicione muitas palavras com a letra M.





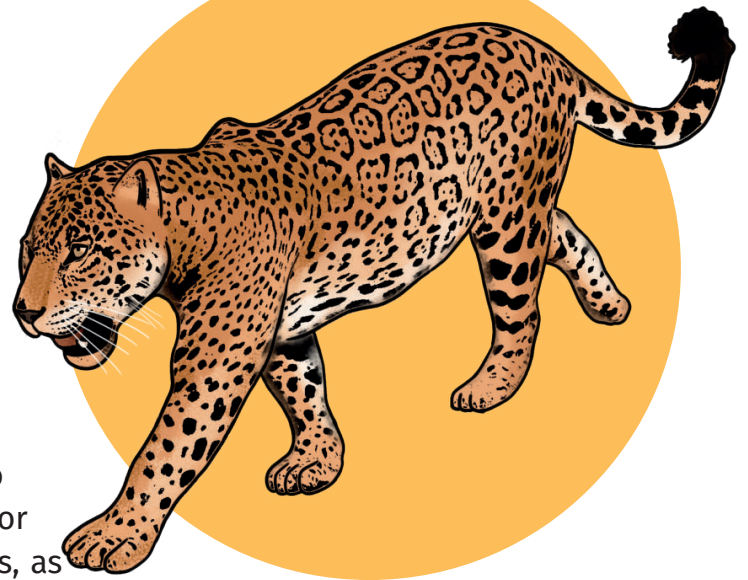
Tema

Onça



Sabendo mais

A onça é um animal da família dos felídeos (a mesma dos mamíferos carnívoros, que vai desde o gato doméstico até o leão). É a maior espécie de felino do mundo, atrás apenas do tigre e do leão. Por conta do sobe e desce das águas dos rios, as onças das regiões de várzea da Amazônia apresentam um comportamento que não é visto em nenhum outro lugar. Durante a época de cheia, os animais buscam as partes mais altas das árvores para morar. As onças-pintadas evitam contato com o ser humano e são raros os registros de ataque de onças à nossa espécie, mas podem acontecer quando a onça se sente ameaçada ou quando tenta proteger os filhotes ou o próprio alimento.



A onça-pintada encontra um cardápio farto e variado na Amazônia. No estado do Amazonas, o bicho-preguiça, o macaco guariba e o tamanduá-mirim estão entre os animais mais consumidos pelos felinos, mas também entram na lista o jacaré-tinga e o jacaré-açu. O conjunto de pintas em uma onça-pintada é único, como a impressão digital nos dedos dos seres humanos, portanto, quando o assunto são as pintas, não existem duas onças iguais.

Disponível em: <<https://www.mamiraua.org.br/noticias/no-dia-nacional-da-onca-pintada-conheca-dez-curiosidades-do-maior-felino-das-americas>>. Acesso em: 10 out. 2020.



Roda de Leitura

O Jabuti e a Onça

A Onça estava trepada num pé de inajá e o Jabuti pediu-lhe algumas frutas (caroços) de inajá, porém a Onça não lhe quis dar e disse: “Você tem que nos pagar antes!”. Mas o Jabuti tinha muita fome e a Onça ficou com dó e deixou-lhe cair dois caroços. O Jabuti os comeu, gostou e pediu mais.

A Onça respondeu: “Suba você, e assim poderá comer à vontade!”. “Eu não sei subir”, respondeu o Jabuti. Então a onça desceu e levou o Jabuti para cima onde ele ficou comendo. Depois a Onça desceu e o Jabuti continuou lá em cima. “O que é que você está fazendo aí em cima? Não há mais nada para comer. Desça daí!”. “Eu não sei descer”, respondeu o Jabuti. “Venha me buscar!”.

A Onça não foi buscá-lo, mas o Jabuti caiu em cima da cabeça dela e esta morreu. O Jabuti deu muita risada, mas vieram outras onças. Ele estava na boca de um buraco quando elas lhe perguntaram: “Foi você que matou nossa parente?”. O Jabuti que ele não havia matado a Onça e foi entrando no buraco para esconder-se quando uma delas o agarrou pela última perna. Logo disse-lhe o Jabuti: “Você não está pegando a minha perna, você está agarrando um tronco”. Assim o Jabuti enganou a onça e esta, pensando que fosse raiz, o deixou livre. As outras onças afirmavam: “Era, sim, a perna do Jabuti que você segurava”. E elas puseram-se a brigar com aquela que soltara a perna do Jabuti.

SDB, P. Alcionilio Bruzzi Alves da Silva. Crenças e lendas do Uaupés. Equador, 1994.



Hora da interpretação

1. Onças comem frutas? Do que elas se alimentam? O que será que essa onça fazia em cima dessa árvore?
2. A Onça ajudou o Jabuti a subir, mas por que não o ajudou a descer?
3. A história diz que o Jabuti caiu na cabeça da Onça. Você acredita que tenha sido de propósito ou foi um acidente? Por que acha isso?
4. Na história, o Jabuti engana as onças, não contando a verdade em dois momentos; quais foram esses momentos?
5. Imagine que você é o Jabuti. O que teria feito quando fosse questionado pelas onças sobre a morte da parente delas?



Na prática

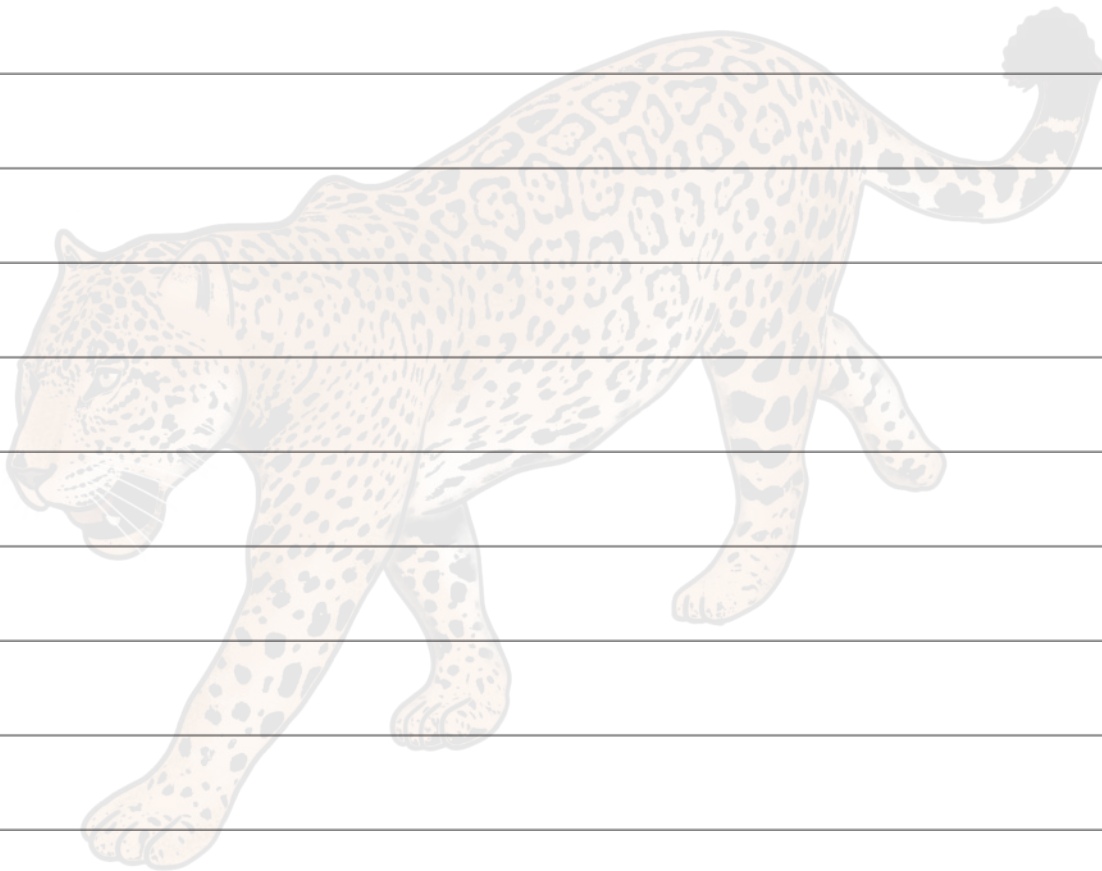
Atividade: A onça, o pekã e os porcos

Materiais: um espaço amplo e muita animação para brincar

Como fazer: Nessa brincadeira, o pekã é um pássaro que avisa o perigo da onça e os porcos são aqueles que devem ouvir o aviso do pekã e fugir da onça. Um aluno tem que fazer o papel do pekã e ficar em cima de um lugar alto, enquanto outra pessoa é escolhida para ser a onça. Todos os outros participantes, representados pelos porcos, devem sentar-se na fila, um atrás do outro, com as pernas abertas. A última pessoa da fila deve sair de seu lugar e tentar sentar-se na frente da fila sem que seja pega pela onça. O pássaro deve avisar o porco que ele pode sair e o porco não pode sair sem esse aviso. Quando a onça consegue pegar o porco, ela precisa levá-lo para um canto para que a fila de porcos diminua. A brincadeira termina quando a onça conseguir pegar todos os porcos.



Anotações



Capítulo 3

Utensílios e embarcações



Utensílios e Embarcações



Descritivo

Esse capítulo reúne alguns instrumentos, ferramentas e elementos que auxiliam no trabalho e no desenvolvimento de atividades cotidianas e essenciais para populações da Amazônia: a canoa e o remo, fundamentais para o deslocamento; as escamas, transformadas em ornamentos e adereços; o paneiro, para carregar a macaxeira colhida na roça; e a zagaia para pescar.



Objetivo de aprendizagem

Conhecer e identificar as letras C, E, P, R, Z;



Perguntas Norteadoras

- Quais utensílios são geralmente usados na pesca?
- Quais utensílios são geralmente usados na caça?
- Quais utensílios são geralmente usados para fazer farinha?
- Quais utensílios são geralmente usados para cozinhar?
- Quais utensílios são geralmente usados na roça/agricultura?

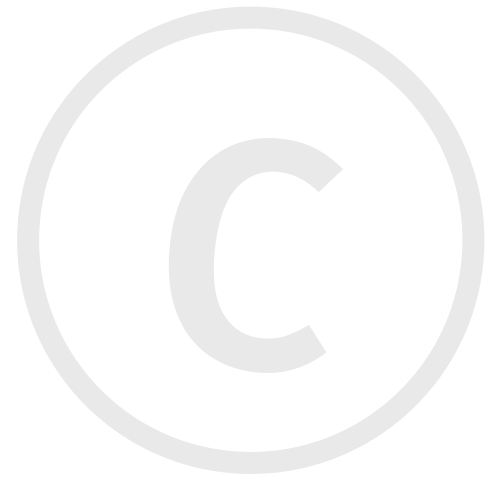


Atividade de nivelamento

Sentados no chão, organize a turma em roda, distribua 2 folhas de papéis A4 e disponibilize lápis de cor e/ou pincéis atômicos para desenho. Aplique as Perguntas norteadoras de modo que todos apresentem uma resposta. À medida em que as respostas forem surgindo, escreva com letra de forma em uma das folhas e oriente que a palavra seja ilustrada e colorida na folha restante. Em seguida, o(a) professor(a) deve recolher e embaralhar as folhas com palavras e folhas com desenho para que os estudantes possam reorganizar os pares. Após esse “aquecimento”, inicie a aplicação do Guia de Atividade (GDA).



Tema



Canoa



Sabendo
mais



Para as comunidades tradicionais da Amazônia, o rio é muito mais do que o lugar de onde se pode retirar o alimento. É também onde se interligam os povoadamentos, representando a possibilidade de ir e vir, dando conexão entre essas cidades e o mundo. O rio representa para os nativos povos da floresta o que a rua representa para o homem da cidade; ou seja, os rios são como as ruas e avenidas, e as embarcações podem se comparar aos veículos que transitam pelas ruas da cidade.

Navegar nos rios, seja para capturar o pescado, visitar outra comunidade, ir à cidade, festejar seus santos em outro vilarejo, ir trabalhar no roçado ou em qualquer atividade que exija um maior deslocamento, uma embarcação é necessária e imprescindível no ritmo da vida das comunidades que se organizam às margens de rios e lagos na Amazônia.

A canoa, ubá ou montaria se apresenta como o meio de transporte mais utilizado e comum nos rios da Amazônia em curtos deslocamentos. É confeccionada a partir de um único tronco de madeira e pode ser feita de inúmeros tipos de árvores.

RODRIGUES. Laércio Gomes. Estaleiros artesanais: homens e barcos na construção de uma economia das águas. Estação Científica (UNIFAP). Macapá, 2011.



Roda de Leitura

A Saga de um Canoeiro

Toada do Boi Caprichoso / Composição: Ronaldo Barbosa

Vai um canoeiro	Apenas chegar
Nos braços do rio	Apenas partir
Velho canoeiro vai	Já vai canoeiro
Já vai canoeiro	Teu corpo cansado de grandes viagens
Vai um canoeiro	(Já vai canoeiro)
No murmúrio do rio	Tuas mãos calejadas de um remo a remar
No silêncio da mata vai	(Já vai canoeiro)
Já vai canoeiro	Da tua canoa de tantas remadas
Já vai canoeiro	(Já vai canoeiro)
Nas curvas que o remo dá	Um porto distante o teu descansar
Já vai canoeiro	(Já vai canoeiro)
Já vai canoeiro	Eu sou, eu sou
No remanso da travessia	Sou, sou, sou, sou canoeiro
Já vai canoeiro	Canoeiro vai
Enfrenta um banzeiro nas ondas do rio	Eu sou, eu sou
E nas correntezas vai um desafio	Sou, sou, sou, sou canoeiro
Já vai canoeiro	Canoeiro vai
Da tua canoa o teu pensamento	



Hora da interpretação

1. Como podemos chamar quem se move ou quem conduz uma canoa?
2. Em qual fase da vida se encontra o canoeiro?
3. Quais dificuldades o canoeiro enfrenta na viagem?
4. O que passa nos pensamentos do canoeiro?
5. Em qual lugar o canoeiro vai chegar?
6. Você é um(a) bom/boa canoeiro(a)?
7. Qual foi a maior aventura que você já viveu numa canoa?
8. Quem é o melhor canoeiro da sua comunidade?



Na prática

Atividade: Canteiro na canoa

Materiais: Canoa envelhecida e sem uso que alguém da comunidade possa doar para a escola, terra preta para encher o canteiro (canoa), mudas de plantas ornamentais doadas para serem plantadas e decorarem a escola.

Como fazer: É indicado conversar com a comunidade para realizar um levantamento dos itens necessários (canoa, terra, mudas). Na indisponibilidade de uma canoa envelhecida e sem uso, palhas secas de coqueiro podem ser utilizadas como alternativa na produção de canteiros decorativos menores. A ideia é encontrar um lugar na escola para dispor os canteiros decorativos com plantas ornamentais, com ou sem flores. Lembrando que é fundamental preparar tudo com apoio e envolvimento das crianças. O plantio do canteiro exigirá: preparar a terra para espalhar no canteiro, preparar as mudas/galhos a serem plantados, regar após plantio e observar a evolução das plantas com o tempo - as que brotam e as que murcham, continuamente incentivando a prática do cultivo.





Tema



Escama



Sabendo
mais



Muitos animais possuem escamas, entre eles as cobras, lagartos e até borboletas, que têm uma estrutura de escama em sua pele. No peixe as escamas são formadas por queratinas, a mesma proteína que faz parte das nossas unhas, pele e cabelo. Elas crescem de maneira sobreposta e são irrigadas por uma espécie de muco, além de ter como função proteger a pele do peixe e ajudar na sua locomoção dentro da água.

Com o crescimento das cidades e a proposta de maior consumo de pescado, a economia regional e o bem-estar da população consumidora têm se desenvolvido. A partir do aumento da produção e do consumo, verificou-se também um aumento de rejeitos provenientes do beneficiamento de peixes, como é o caso do couro e das escamas, que são depositados ao ar livre ou despejados nos rios.

O beneficiamento desses resíduos pesqueiros surge como alternativa para reduzir o impacto negativo causado pelo depósito desse tipo de material em locais impróprios. As escamas são avaliadas como produto de alta qualidade e durabilidade e podem ser utilizadas na criação de diversas peças artesanais. Esse tipo de aproveitamento contribui para a geração de renda e equidade das comunidades envolvidas, fortalecendo a pesca artesanal.

Peixes: Morfologia e Adaptações. Cadernos de Ecologia Aquática. 2010.

COSTA, W.M. et al. Aproveitamento de resíduos de pescado: o artesanato com escamas de peixe. Revista Ciência em extensão. 2016.



Roda de Leitura

O Maior Peixe do Mundo

Na tribo dos Uaiás, no sudoeste da Amazônia, nasceu um índio chamado Pirarucu, que mais tarde se tornaria um grande e forte guerreiro. Pirarucu era filho de Pindarô, chefe dos Uaiás e conhecido por sua bondade. Pirarucu, porém, não herdou do pai o bondoso coração. O rapaz era cheio de vaidade e egoísmo. Certa vez, enquanto seu pai visitava outras tribos, Pirarucu capturou índios de sua própria tribo e os matou sem motivo algum.

Essa maldade foi a gota d'água para Tupã, o mais poderoso dos deuses, que então enviou fortes torrentes de chuva sobre Pirarucu, quando ele pescava com outros índios. O jovem, porém, não se abalou com as águas que Tupã enviava e ainda zombou dos deuses com palavras de desprezo.

Por causa disso, Tupã chamou Xandoré, divindade que odeia os homens, e ordenou-lhe que atirasse raios e trovões sobre Pirarucu. Ao ver o perigo que corria, o guerreiro tentou escapar, mas foi acertado por um raio bem no coração. Mesmo assim, Pirarucu não se arrependeu nem pediu perdão. Foi então que os outros índios viram Pirarucu, ainda vivo, ser transformado em um peixe avermelhado, de grandes escamas e cabeça chata, e levado para as profundezas do rio - de onde nunca mais voltou!

A lenda do Pirarucu. Disponível em: <https://www.embrapa.br/en/contando-ciencia/arvores/-/asset_publisher/Zd2bjD3HpAAC/content/o-maior-peixe-de-rio-do-mundo/1355746?inheritRedirect=false>. Acesso em: 20 nov. 2020.



Hora da interpretação

1. O que o índio Pirarucu fez que deixou o deus Tupã furioso?
2. Tupã decidiu castigar Pirarucu, mas ele não se abalou e ainda zombou dele. Por que ele teve essa atitude?
3. Tupã chamou outra divindade, Xandoré, para punir Pirarucu, que lhe atirou um raio bem no coração. O que esse raio causou no índio Pirarucu?
4. Como são as escamas do peixe pirarucu?
5. Sabia que as escamas dos peixes podem ser aproveitadas para produzir outros objetos? O que podemos fazer ou como podemos utilizar as escamas do pirarucu?



Na prática

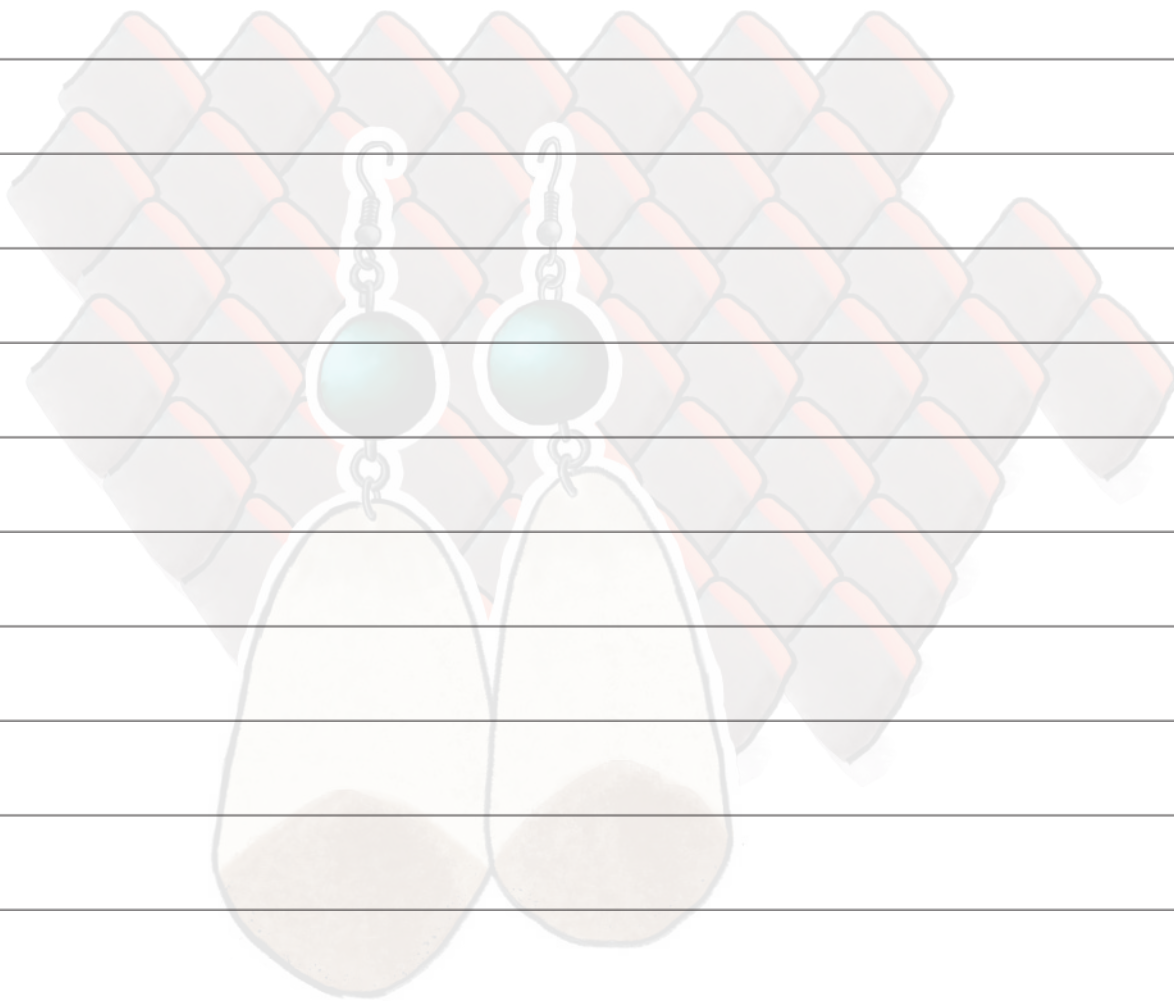
Atividade: Mosaico de escama

Materiais: Escamas de pirarucu ou escamas semelhantes, tinta guache para colorir as escamas, cola de isopor, papel 40 kg ou cartolina.

Como fazer: Desenhar uma mandala (um grande círculo) no papel 40 kg ou cartolina. Oriente a turma para colorir as escamas e dispô-las ao sol para secar. As escamas devem ser pintadas na parte interna (costas) de modo que na parte externa se mantenham naturais. Quando as escamas estiverem secas, deverão ser coladas com cola de isopor sobre o papel - começando do centro do círculo para fora: uma escama no centro do círculo e as demais coladas ao redor. Brinque com as cores para deixar sua mandala com cores de escamas mais agrupadas ou mais espalhadas, conforme preferência. O ideal é que grupos de até 5 estudantes produzam juntos uma mandala.



Anotações





Tema



Paneiro



Sabendo
mais



O paneiro é um cesto confeccionado com cipó, cuja principal função está relacionada à produção agrícola e ao ato de levar a carga às costas. É fabricado por mulheres e homens para uso e para a venda e são feitos a partir de uma variedade de teçumes denominados de “tala voltada, olhudo ou zolhudo, tucunariçã e arurana”.

Cada tipo de teçume corresponde à função específica que o paneiro exerce. Os três primeiros são usados para o transporte de mandioca, castanha, melancia, jirimum e banana. O modelo arurana é mais adequado para o transporte de açaí, pelo fato de possuir tramas mais unidas. Entretanto, sua função primordial não impede o uso dos mesmos para o transporte de outros produtos da roça, da pesca e da caça.

A matéria-prima primordial de um paneiro feito para transportar mandioca é o cipó ambé. Considerado mais resistente, para outras finalidades, é confeccionado de acordo com a disponibilidade de matéria-prima local tais como: cauaçu, pariri, cipó titica ou arumã. A estimativa de durabilidade varia de acordo com a intensidade do uso e com o cuidado no seu uso, mas os produtores locais estimam uma duração de aproximadamente seis meses.

SOUSA, Marília de Jesus da Silva. Saberes e modos de fazer objetos artesanais na Reserva de desenvolvimento sustentável Amanã: um estudo da cultura material ribeirinha. Dissertação de Mestrado. Manaus: Universidade Federal do Amazonas/PPGAS. 2011.



Roda de Leitura

Paneiro

Raízes Caboclas

Paneiro é coisa comum

Em todo barraco tem

Não custa muito dinheiro

Nem custa fazer também

Mas quero guardar comigo

Pra sempre no coração

A lição que o paneiro ensina

Como é bela a união

As talas viviam à ufa

Nas matas, sem serventia

Mas agora, de mãos dadas

Todas têm força e valia



Hora da interpretação

1. A música diz que o paneiro é uma coisa comum. Na sua casa tem um paneiro?
2. Conhece alguém na comunidade que confeccione paneiros?
3. O paneiro é algo caro ou barato? Trabalhoso ou simples de fazer?
4. Geralmente, um paneiro é feito de qual material?
5. Para que o paneiro pode ser usado?
6. De acordo com a letra da música, o trançado do paneiro nos ensina uma lição sobre o que?



Na prática

Atividade: Corrida de Paneiro

Materiais: 2 paneiros, tiras de cartolina e pincéis.

Como fazer: Pergunte a sua turma o que pode ou costuma ser carregado no paneiro e anote nas tiras de cartolina os itens indicados. No verso da tira de cartolina, sem que os alunos percebam, atribua valores em quilos para cada item. Ex.: se os estudantes disseram macaxeira, você escreverá na frente da tira de cartolina a palavra MACAXEIRA e no verso vai escrever 10 kg; se disserem mangarataia, você escreverá MANGARATAIA na frente da tira de cartolina e, no verso, 6 kg - a referência de quilos será atribuída aleatoriamente conforme sua determinação. Peça para os estudantes formarem uma fila única e vá separando um para cada lado, novamente em fila, de modo que sejam divididos em dois grupos: paneiro 1 e paneiro 2. Coloque as fichas numa mesa ou cadeira afastada. Os primeiros estudantes das filas devem colocar os paneiros nas costas e, ao comando do(a) professor(a), deverão correr, pegar uma tira de cartolina por vez, colocá-la no paneiro, voltar correndo, passar o paneiro para o próximo estudante e ir para o final da fila. Quando todas as tiras de cartolina com os itens se esgotarem, encerra-se a corrida. Vence a equipe que somar a maior quantidade de quilos carregados. Ao final, realize a soma dos itens junto com os estudantes.





Tema



Remo



Sabendo mais



O remo é um implemento de madeira para a navegação e sua principal função é mover canoas. Apresenta punho em forma de muleta, cabo em formato roliço e pá em formato oval e é fabricado por meio do entalhe da madeira, tanto para uso doméstico quanto para venda.

Existem vários modelos de remos usados para pesca e navegação, sendo que cada um tem atributos muito particulares. O remo peixeiro (ponta redonda) é adequado para pescar porque não faz barulho na água, visto que a pá adentra inteiramente na água, o que proporciona mais força na remada. O remo ponta fina é apropriado para passeio, bem como para ser usado numa catraia ou numa voadeira. O remo rabo de peixe-boi é usado para pescar e é o mais vendido.

Existe também um modelo específico, utilizado na produção de farinha e que atua para permitir o revolvimento da massa de mandioca quando é torrada no forno e transformada em farinha.

SOUSA, Marília de Jesus da Silva. Saberes e modos de fazer objetos artesanais na Reserva de desenvolvimento sustentável Amanã: um estudo da cultura material ribeirinha. Dissertação de Mestrado. Manaus: Universidade Federal do Amazonas/PPGAS. 2011.



Roda de Leitura

Remo

Raízes Caboclas

Um remo é escultura esculpida
Para ser até da lida dos caboclos ribeirinhos

Meu remo é estirão que não se acaba
Minha asa minha aba
De voar nadar caminhos

Sou remador
Remo a dor de quem carece
Ver que a luz do amor parece
Águas sempre caminhando

Um remo é ser de pau que não se entrega
Dura pá que quando quebra
Serve pra torrar farinha

Meu remo é instrumento da leveza
Santa mão da natureza
Gratidão que me caminha



Hora da interpretação

1. Do que pode ser feito um remo?
2. Um remo possui algumas utilidades para além de remar. Você pode citar alguma?
3. Na música, o remo é comparado a uma parte do “corpo da natureza”. Qual é ela? Você acha que ele se parece com essa parte do corpo?
4. Se você já manuseou um remo, conte-nos como foi a sua experiência.
5. Tem alguém na comunidade que fabrique remos?



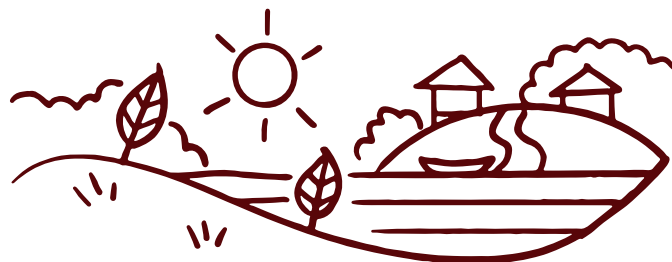
Na prática

Atividade: Gira remo, grita frase

Materiais: 1 remo

Como fazer: Procure uma área ampla no quintal da escola. O campo de futebol da comunidade, por exemplo, é um bom lugar para realizar a atividade. Os estudantes devem formar uma fila única. Demarque o ponto do “gira” e o ponto do “grita” com espaço de 5-6 metros, em linha reta, entre eles. Oriente os passos da atividade. O primeiro da fila deve ir ao ponto do “gira”, encostar o remo no chão, mantendo-o em pé na vertical e girar 5x ao redor do remo com a cabeça encostada no “braço” do remo. Incentive os participantes da fila para que façam a contagem das voltas em voz alta, dando o comando: “1, 2, 3, 4, 5, corre!”

O participante deve correr até o ponto do “grita”, carregando o remo, e em voz alta completar a frase: “MEU REMO É (.....)!” (deverá dizer uma palavra que faça sentido na formação da frase. Ex.: “Meu remo é grande, meu remo é azul, meu remo é belo.”). O professor deve anotar todas as palavras ditas e elas não podem ser repetidas. O participante deve voltar ao ponto inicial, entregar o remo para o próximo da fila, que repete os mesmos passos da atividade até que todos participem. Ao final, o(a) professor(a) deve escrever as palavras na lousa para que a turma copie e, posteriormente, tomar a leitura das palavras, como exercício de fixação.





Tema

Zagaia



Sabendo
mais

A pesca é uma das atividades humanas mais importantes na Amazônia, constituindo-se como fonte de alimento, comércio, renda e lazer para grande parte de sua população, especialmente para as populações ribeirinhas.

Para capturar o pescado, pescadores utilizam diversos instrumentos, alguns confeccionados por eles próprios, outros adquiridos no comércio local. Cada apetrecho de pesca tem suas especificidades quanto ao modo de captura das diferentes espécies de peixe. Os apetrechos podem ser: malhadeira, caniço, linha de nylon, tarrafa, matapi, espinhel, arpão e zagaia.

A zagaia é constituída de tridente de ferro, corda de nylon e uma haste de madeira reta e preferencialmente resistente. O tridente é posicionado na extremidade da haste e é fixado com o barbante de modo que, quando o peixe é capturado, o tridente não seja perdido. Em alguns casos, o tridente, quando não comprado, é produzido com o uso de pregos moldados. “Com a zagaia na mão tem que ir devagar e em silêncio até ver onde o peixe está e tentar acertar ele”. (Descrição dos pescadores quanto aos apetrechos de pesca e as técnicas). As espécies capturadas com a zagaia podem ser, por exemplo, tucunaré, jacundá e caratinga.

COIMBRA, Artur Bicelli. A pesca de subsistência na terra indígena lago Ayapuá, baixo rio purus, amazônia central. Manaus, 2009.

SILVA, Flávio Ferreira (org.). Aquicultura e pesca: adversidades e resultados 2. Ponta Grossa, Paraná: Atena Editora, 2019.





Roda de Leitura

Zarabatana

Narrador: Alberto Antônio Lourenço / Tradutor: Trinho Paiva

Antigamente, os nossos antepassados matavam caça e ave com zarabatana. Para caçar, os antepassados saíam de madrugada e iam andando até encontrarem capoeira. Ao amanhecer, se escutassem o jacu cantando, eles imitavam o canto dele para poderem se aproximar. Naquele tempo, isso era fácil porque o pássaro não ficava com medo, devido ao remédio que era colocado na zarabatana, que atraía os jacus que podiam, então, ser flechados. Quando o caçador ficava tempos sem caçar, e a zarabatana ficava demorando em casa, ela dizia para o caçador:

— Eu queria ir passear.

No entendimento deles, todos os materiais falavam.

A zagaia dos antepassados era feita de paxiúba bem afinada. quando a ponta estava bem afiada, eles a amarravam com cipó de curauá numa vara, que servia de cabo da zagaia. Para fazer a zagaia, o pescador também fazia remédio para atrair peixes. Quando a zagaia é feita assim, o pescador não deve trazê-la para dentro de casa quando voltar da pescaria; depois de utilizá-la, ele tem que deixá-la lá no porto, porque se trouxer para dentro da casa, ela vai fazer nas pessoas da casa o mesmo efeito que faz nos peixes: a pessoa vai ficar mole, parada, com sono, que nem o peixe fica na água. Com esse remédio, o peixe fica mansinho, parado, não foge. Esses remédios para peixe eram muito bons, mas seu uso era muito complicado, pois para garantir que o remédio fizesse sempre o efeito, o certo era que o pescador não comesse nem a cabeça e nem a parte caudal do peixe, porque se não estragava a atração da zagaia.

No caso da flecha é a mesma coisa. Com o remédio colocado nas flechas e no arco, ficava fácil acertar sempre a pontaria e flechar aracus, surubins, pacus e todos os peixes. Os antepassados tinham remédio para tudo.

SANTOS, Silvana Rossélia Monteiro dos. Narrativas quase esquecidas: Leitura dos Mitos Baniwa. Universidade Federal do Amazonas, 2012.



Hora da interpretação

1. Sobre quais utensílios o texto falou?
2. Para ajudar na caça e na pesca, o que os antepassados colocavam na zagaia, na zarabatana e na flecha?
3. O que esses remédios causavam nos animais?
4. No conto que ouvimos, por que o pescador não deveria levar a zagaia para dentro de casa?
5. Você já viu um pescador usando uma zagaia? Como ele a utilizou?



Na prática

Atividade: Pescaria de Palavras

Materiais: galhos, barbante, corda, cipó ou outro fio, cliques de metal ou pedaços de arame, cartolinas, pincéis coloridos, tesoura, furador de papel.

Como fazer: Disponibilize moldes de silhuetas de peixes de dois a três tamanhos diferentes para que os estudantes confeccionem as peças da pescaria. Diga para que riscuem na cartolina a partir dos moldes, recortem e pintem os peixes. O ideal é que cada estudante confeccione pelo menos dois peixes para que a pescaria seja bem animada. Enumere os peixes em ordem sequencial crescente, partindo do 1 até o número total de peixes confeccionados e fure a “boca” dele com o furador de papel para facilitar a pescaria. Faça com que confeccionem as varetas da pescaria utilizando os seguintes materiais: galhos, fio/barbante, cliques ou arame para improvisar o anzol - quem se sentir mais encorajado, pode tentar confeccionar uma zagaia com três pontas. Com o material pronto, busque um espaço com areia ou terra fofa para “cravar” os peixes, misturando-os e espalhando-os para iniciar a pescaria. Divida a turma em dois grupos e, já orientando a pescaria, deixe um peixe de cada vez para cada grupo. Ao final, junto com a turma, realize a soma da quantidade de peixes pescados e anuncie o time vencedor.



Capítulo 4

Culinária



Culinária



Descritivo

A culinária é um aspecto vivo da cultura amazônica e os sabores da região, tão marcantes e tradicionais, não poderiam ficar de fora dessa jornada de aprendizagem. Há uma grande variedade de peixes, caças, frutos, caldos, ervas. Dentre tantos elementos, destacamos dois que são a base da alimentação de populações tradicionais e que merecem destaque nesse capítulo: a farinha e a tapioca.



Objetivo de aprendizagem

Conhecer e identificar as letras F, T



Perguntas Norteadoras

- Qual é a sua comida favorita?
- Quem costuma preparar a comida da sua casa?
- Você sabe cozinhar? O quê?
- Que tipos de caça você já experimentou? O que mais gostou?
- Que tipo de pescado você já provou? O que mais gostou?
- Quais alimentos amargos você já experimentou?
- Quais alimentos azedos/ácidos você já experimentou?
- Quais alimentos doces você já experimentou?
- Que tipos de temperos você conhece?



Atividade de nivelamento

Aplice as perguntas norteadoras e, em tiras de cartolinas, anote o nome dos alimentos/insumos in natura utilizados no preparo da culinária local, de acordo com a citação dos participantes. Recorte as tiras de cartolina, conforme separação silábica das palavras, embaralhe as fichas e incentive a turma para que as reagrupem, formando novamente as mesmas palavras, ou palavras novas. Mas atenção: não pode sobrar nenhuma sílaba. Após esse “aquecimento”, inicie a aplicação do Guia de Atividade (GDA).



Tema

Farinha



Sabendo
mais

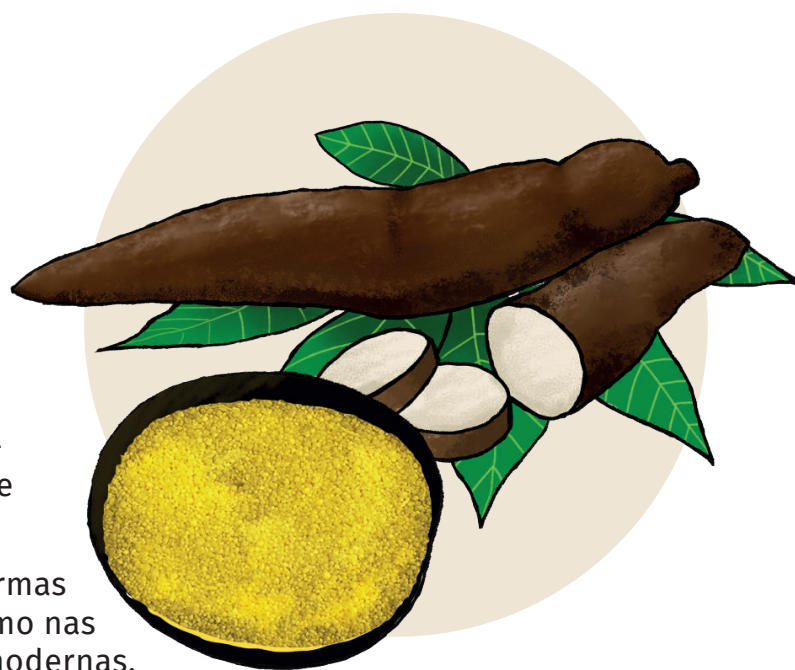
A produção de mandioca no Amazonas é dirigida, quase exclusivamente, ao processamento de farinha de mesa - cerca de 91%. O consumo *per capita* de farinha gira em torno de 58 kg/ano, o que a torna um componente indispensável na dieta do amazonense. Existem vários tipos de farinha: d'água, seca, mista e de tapioca.

O processamento da farinha apresenta formas diferentes, que vão das mais simples, como nas casas de farinha tradicionais, às mais modernas, feitas em fábricas. Nas casas de farinha, a produção é realizada de modo artesanal, com mão de obra familiar e/ou com a participação de membros da comunidade. Nesse processo, as etapas consistem em: ralagem para transformar as raízes em massa; prensagem, que elimina o suco tóxico; e a torração, que seca a farinha, conferindo-lhe sabor e aroma característicos.

Embora as mulheres tenham grande participação no trabalho de produção da farinha, as atividades mais pesadas são realizadas pelos homens. Os utensílios mais utilizados nas casas de farinha mais simples são: o caititu, utilizado na ralagem da mandioca; o cocho, utilizado para colocar as raízes descascadas, esmagar, depositar a massa ralada e, depois, a farinha torrada; o tipiti, tipo de prensa feita com fibras de jacitara, ou taquara; e o tacho de torração, colocado no forno para a torração da farinha.

Cadeia produtiva da mandioca no Amazonas. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/CPAA-2009-09/2793/1/Doc_10_98.pdf>. acesso em: 17 nov. 2020.

PINTO, Maria Dina Nogueira. Mandioca e Farinha: subsistência e tradição cultural. Série Encontros e Estudos. Seminário Alimentação e Cultura-Projeto Celebrações e Saberes da Cultura Popular. Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/FUNARTE/Secretaria do Patrimônio, Museus e Artes Plásticas-Ministério da Cultura, 2002.





Roda de Leitura

Farinhada

Erick Vicente, Tony Navegantes / Viva a Cultura Popular (Caprichoso 2012)

Na mesa de todo caboclo não pode faltar

A farinha nossa de todo dia

A farinha é feita da mandioca no tipiti

Que rala, espreme pro tucupi

Pra tapioca e o tacacá

Farinha boa é do Uarini

A farinha torra

É remexida no forno, então

É peneirada pelo artesão

É ensacada pra transportar

Pra por no caldo e virar pirão

Farinha d'água, farinha seca

Farinha para o chibé

Pirão de peixe, maninha

É o manjar na cozinha, faz caribé

Farinheiro, farinheiro

Quem começou a farinhada

Foi o índio brasileiro, na maloca encantada

Farinheiro, farinheiro

Numa noite azulada

Caprichoso te exalta

No balanço da toada



Hora da interpretação

1. Segundo a música, o que não pode faltar na mesa de todo caboclo? Você concorda com essa afirmação?
2. Do que é feita a farinha? E quem começou a produzi-la?
3. O que é preciso fazer com a mandioca para conseguir produzir a farinha?
4. Como a farinha pode ser consumida? Como você prefere comê-la?
5. Na sua comunidade tem alguma casa de farinha?



Na prática

Atividade: Arranca mandioca

Materiais: Interesse em participar e a sombra de uma árvore.

Como fazer: A brincadeira começa assim: todas as crianças precisam estar sentadas no chão, sendo que a primeira criança segura a árvore e as outras vão se encaixando e segurando o colega da frente. Uma criança é escolhida para ficar em pé e nomeada a “colhedora de mandioca”. A ideia é ir “puxando” cada uma para fora, até que a criança que está agarrada à outra, solte as mãos de quem está na frente. O objetivo é tentar tirar todos e, para isso, retira-se um a um da fila.





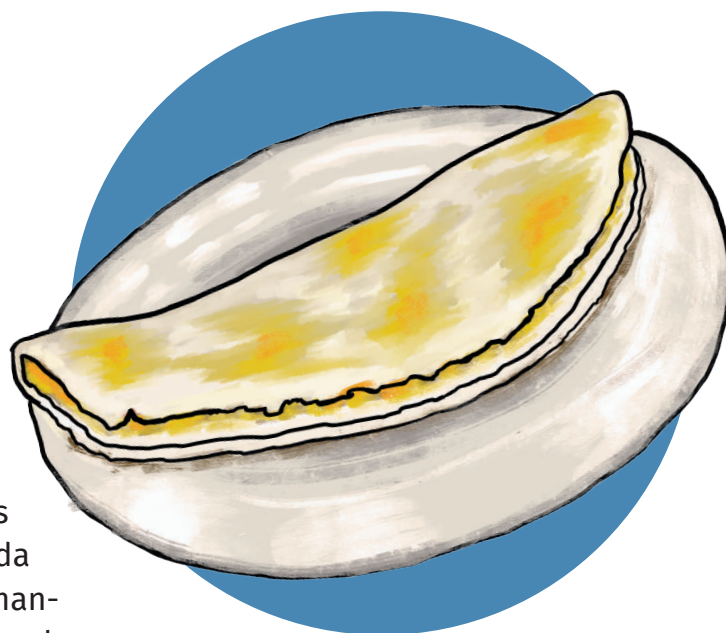
Tema



Tapiooca



Sabendo
mais



Em tupi, o nome “tapioca” é uma junção dos termos *tapi* (pão) + *oca* (casa). Esse alimento, muito saboroso e apreciado, é uma iguaria típica de povos indígenas e caboclos, produzida com goma extraída a partir da mandioca. Na Amazônia, a mandioca até hoje exerce um importante papel na alimentação de populações tradicionais. Produtos como tucupi, farinha, goma ecrueira são derivados dela, e até mesmo bebidas como o tarubá, podem ser produzidas a partir da raiz. A tapioca mais tradicional é o beiju, feita no forno (casa de farinha) ou em vasilhas de barro. Em grandes porções, os “discos” têm textura mais grossa e após torrados podem ser armazenados em latas ou vasilhas por vários dias. Os conhecimentos envolvidos no preparo da alimentação devem ser passados de geração em geração para que se possa manter viva a memória do povo. O preparo tradicional do beiju é um processo de resgate e manutenção das tradições e dos saberes.

DIAS, N. M. G.; BARBOSA, R. M. S.P.; RODRIGUES, R. A. Rupturas e permanências na produção da tapioca em Parintins/AM. Manaus, 2017.



Roda de Leitura

A Lenda da Mandioca

Em certa tribo indígena a filha do cacique estava grávida. Tomando conhecimento de tal fato, o cacique ficou muito triste, pois sonhava que a sua filha iria se casar com um forte e ilustre guerreiro. No entanto, ela estava esperando um filho de um desconhecido.

Uma noite, o cacique sonhou que um homem branco aparecia em sua frente dizendo para ele que não ficasse triste, pois sua filha não o enganaria, ela continuava sendo pura.

A partir desse dia, o cacique voltou a ser alegre e a tratar bem sua filha novamente. Algumas luas se passaram e a índia deu à luz a uma linda menina de pele branca que recebeu o nome de Mani.

Mani era uma criança muito inteligente, alegre e querida por todos da tribo. Mas um dia, em uma manhã ensolarada, Mani não acordou cedo como de costume. Sua mãe foi acordá-la e a encontrou morta. A índia, desesperada, resolveu enterrá-la à entrada da maloca. Todos os dias a cova era regada pelas lágrimas saudosas de sua mãe.

Um dia, quando a mãe de Mani foi até a cova para regá-la novamente com lágrimas, percebeu que uma planta havia nascido naquele local. Era uma planta totalmente diferente das demais e desconhecida de todos os índios da floresta.

A mãe de Mani começou a cuidar da plantinha com todo o carinho, até que um dia percebeu que a terra à sua volta apresentava rachaduras. A índia imaginou que sua filha estava voltando à vida e, cheia de esperança, começou a cavar a terra. No lugar de sua querida filhinha, encontrou as grossas raízes da planta branca como o leite e que veio a tornar-se alimento principal de todas as etnias indígenas.

Línguas, literaturas e culturas indígenas: lendas, contos e mitos. Disponível em: <https://issuu.com/helaniathomazineporto/docs/linguas__literaturas_e_culturas_ind>. Acesso em: 30 nov. 2020.



Hora da interpretação

1. Qual é o nome da personagem principal da lenda que acabamos de ler?
2. Quais são as características da personagem principal?
3. Segundo a lenda, qual é o motivo da morte de Mani?
4. Você já sentiu tristeza pela morte de alguém? Quem? Compartilhe a sua experiência.
5. Além da tristeza, que outros sentimentos os personagens apresentam ao longo da narrativa? Cite todos que você se lembrar.
6. Na sua comunidade tem roçado de mandioca? Como é?
7. Você já participou do plantio ou da colheita da mandioca? Conte como foi a experiência.



Na prática

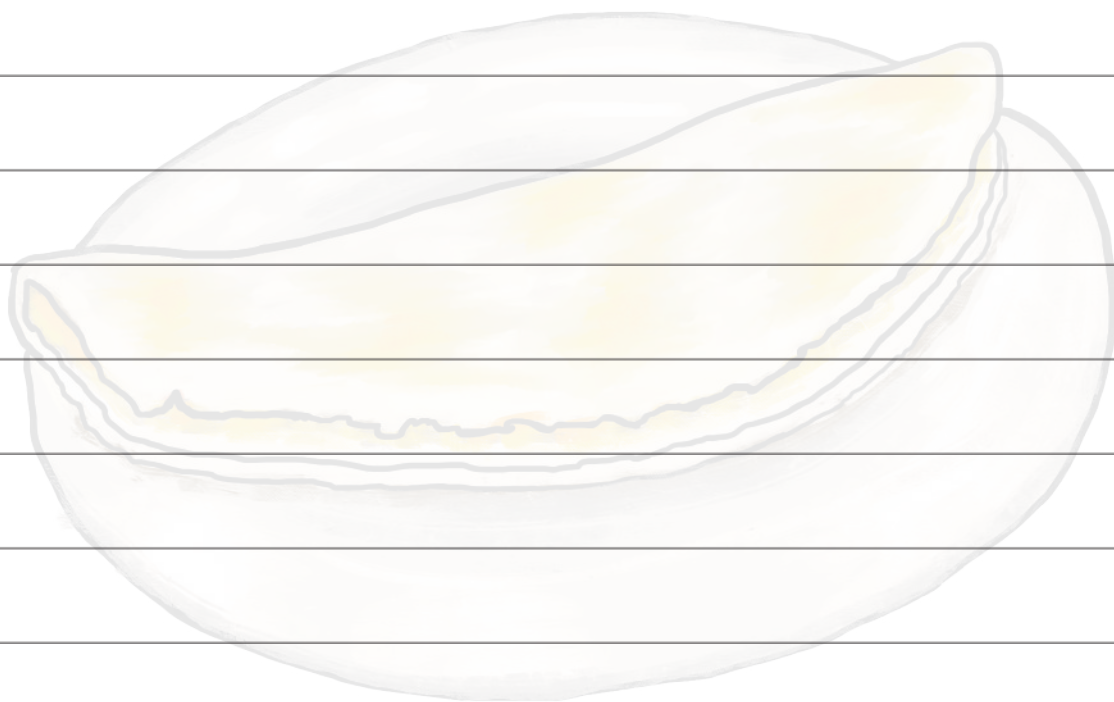
Atividade: Preparando Tapiocas

Materiais: Goma, sal, frigideira, colher e recheios (opcional);

Como fazer: Organizar a turma na cozinha da escola ou na casa de farinha para o preparo de tapiocas - a ideia é que a prática seja combinada no dia anterior, de modo que todos possam cooperar com os ingredientes (goma e recheio). O objetivo da atividade é envolver toda a turma no preparo e depois promover um delicioso lanche coletivo, saudável e típico da nossa região.

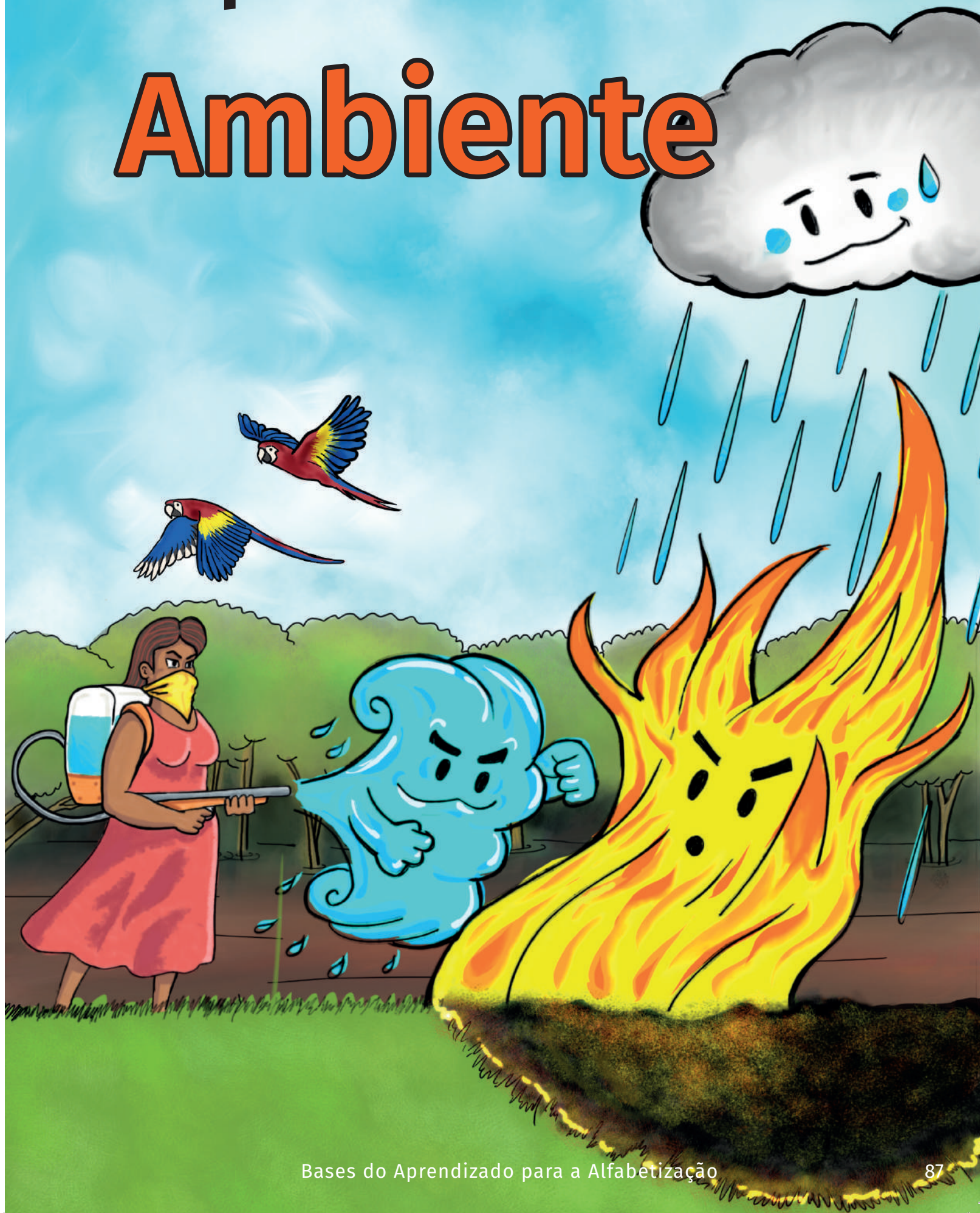


Anotações



Capítulo 5

Ambiente



Ambiente



Descritivo

Este capítulo apresenta cenários peculiares da região amazônica e paisagens exuberantes que só encontramos aqui: um ambiente de natureza implacável, com lagos que são verdadeiros espelhos d'água refletindo céu e floresta, a várzea e seus mistérios de subidas e descidas de águas que determinam modos de vida e produção únicos. Infelizmente, a incrível Amazônia também é foco de pressão exploratória que coloca em ameaça sua gente e seus recursos naturais. O desmatamento e as queimadas são grandes desafios enfrentados pelas populações da região.



Objetivo de aprendizagem

Conhecer e identificar as letras L, N, Q, V



Perguntas Norteadoras

- Igarapé, igapó, praia são ambientes naturais ou ambientes construídos?
- Escola, igreja e centro social são ambientes naturais ou ambientes construídos?
- Que outros ambientes naturais você conhece?
- Que outros construídos você conhece e já visitou?
- Existe algum foco de queimada na comunidade ou nas proximidades? Onde?



Atividade de nivelamento

Observe as listas abaixo e, inspirado(a) nelas, providencie fichas em tiras de cartolinas, escritas com letra de fôrma. Com um pincel, divida a lousa em duas partes: ambiente natural / ambiente construído. Leia as palavras e peça para que a turma classifique em qual lado da lousa o exemplo lido se encaixa. Cole uma fita no verso da ficha e indique alguém para colar a ficha no lado adequado da lousa. Estimule a participação de todos. Lista 1 - ambiente natural: rio, praia, lago, igarapé, ilha, floresta, cachoeira, igapó e outros / Lista 2 - ambiente construído: igreja, escola, centro social, casas, estradas, maromba, flutuante e outros. Quanto mais palavras, mais legal será a brincadeira!



Tema



Lago



Sabendo mais



Os lagos de várzea são, na realidade, sistemas de lagos que sofrem grandes mudanças físicas e ecológicas. Em certos casos, comunidades distinguem diferentes tipos de lagos e adaptam regras de pesca às características de cada tipo. Por exemplo, pescadores diferenciam lagos rasos e sazonais, que podem secar na estação de águas baixas, e lagos profundos e permanentes, muitas vezes chamados de “lagos de criação”, onde os peixes tendem a se concentrar durante a estação da seca. A pesca comercial pode ser permitida em lagos rasos durante a seca, uma vez que esses peixes podem morrer de qualquer modo, enquanto que em lagos mais profundos a pesca pode ser restrita às necessidades de subsistência ou totalmente proibida durante essa estação.

Os pescadores possuem um conhecimento íntimo da relação entre a vegetação dos lagos e a sua produtividade pesqueira. Muitas comunidades definem medidas para proteger a vegetação, considerada importante para a pesca local. Alguns acordos de pesca, por exemplo, especificam regras para preservar a cobertura de macrófitas flutuantes (plantas aquáticas) e proteger árvores frutíferas durante a época da cheia.

McGRATH, D. G.; CASTRO, F. de.; C MARA, E.; FUTEMMA, C. Manejo comunitário de lagos de várzea e o desenvolvimento sustentável da pesca na Amazônia. Belém, 1996.



Roda de Leitura

O Muiraquitã

Os Muiraquitãs são filhos da lua retirados do fundo de um lago denominado Espelho da Lua, Iaci-uaruá, nas proximidades das nascentes do rio Nhamundá, perto do qual habitavam as Icamiabas, as guerreiras Amazonas.

O lago era consagrado por elas à Lua, onde anualmente realizavam a Festa de Yaci, divindade mãe do Muiraquitã, que lhe oferecia o precioso amuleto retirado do leito do lago. A festa durava vários dias, durante os quais as mulheres recebiam indígenas da aldeia dos Guacaris, com os quais tinham filhos.

Depois do acasalamento, pouco antes da meia-noite, com as águas serenas e a Lua refletida no lago, as indígenas nele mergulhavam até o fundo para receber de Yaci os preciosos talismãs, ainda moles e petrificando-se em contato com o ar. Então, presenteavam aos Guacaris, o que os faria serem bem recebidos onde os exibissem.

Línguas, literaturas e culturas indígenas: lendas, contos e mitos. Disponível em: <https://issuu.com/helaniathomazineporto/docs/linguas__literaturas_e_culturas_ind>. Acesso em: 30 nov. 2020.



Hora da interpretação

1. Qual é o nome do lago de onde os Muiraquitãs foram retirados?
2. As índias mergulhavam até o fundo do lago para receber o quê de Yaci?
3. Para quem elas davam os Muiraquitãs? E o que esse talismã fazia com aqueles que o recebiam?
4. Na sua comunidade tem um lago? Qual é o nome dele?
5. Existe alguma lenda ou história sobre esse lago?
6. Na lenda, o lago fornecia para as índias preciosos amuletos. Na natureza os lagos também são fonte de riquezas. O que o lago que você conhece fornece para sua comunidade?



Na prática

Atividade: Lago Vermelho

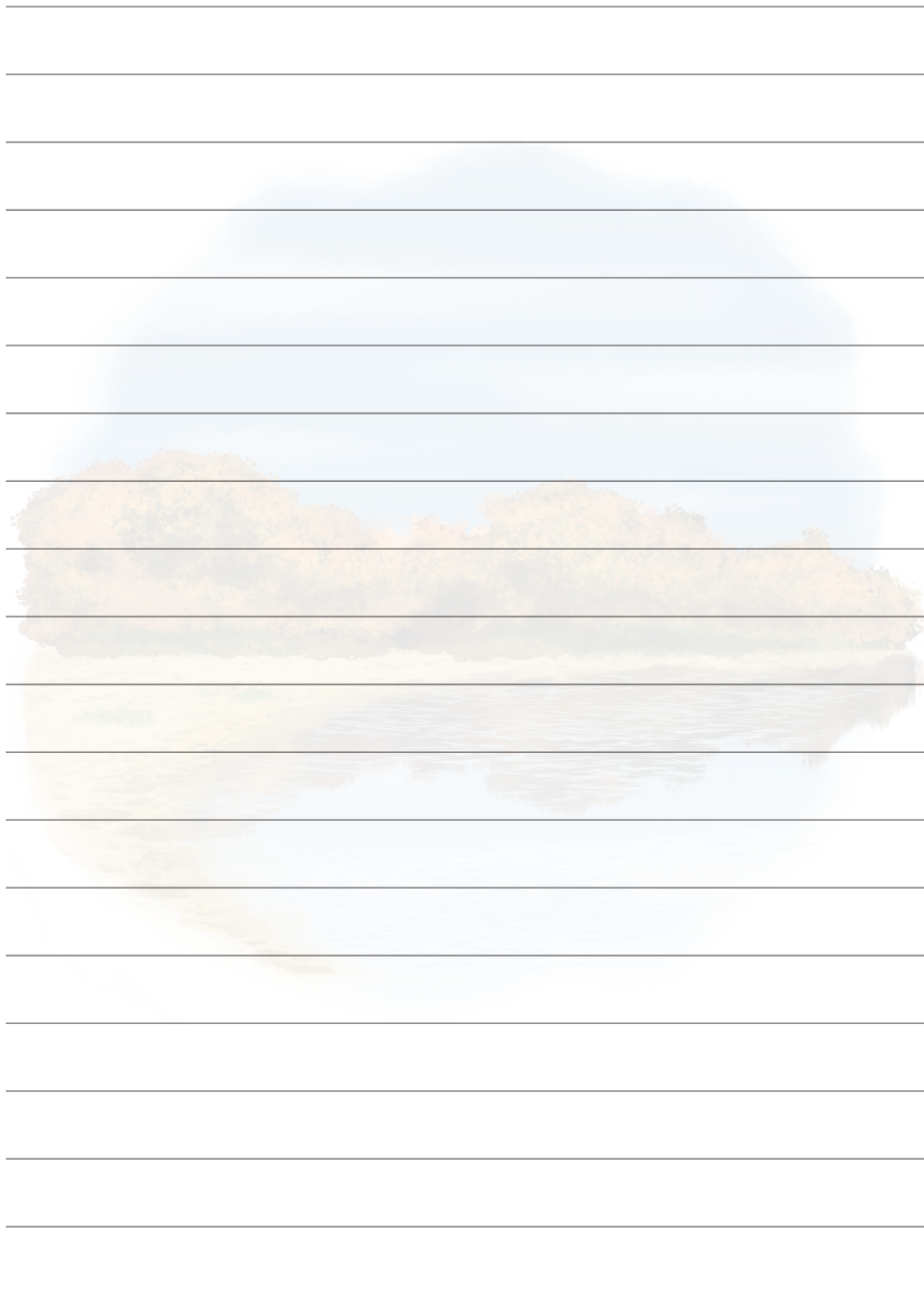
Materiais: Disposição para participar.

Como fazer: Reúna a turma e escolha um participante para ser o pegador. Ele/ela precisa se posicionar no meio do pátio/do quintal, enquanto os outros ficam reunidos em um só lado. O grupo diz: “Queremos atravessar o Lago Vermelho!”. E o pegador diz: “Só se tiverem a minha cor”. O grupo pergunta: “De que cor?”.

Então o pegador escolhe uma cor - azul, por exemplo. Aqueles que tiverem a mesma cor em algum detalhe da roupa, do sapato ou nos enfeites de cabelos poderão atravessar. Os participantes que não têm nada da cor escolhida vão tentar atravessar o rio, mas terão que correr para escapar do pegador. O primeiro a ser pego vira o próximo pegador. Estimule que o máximo de cores seja escolhido e que todos da turma se envolvam na atividade física e recreativa.



Anotações



A series of horizontal lines for writing, overlaid on a faint background illustration of a landscape with trees and water.



Tema



Natureza



Sabendo
mais

A Amazônia é quase mítica: um verde e vasto mundo de águas e florestas, onde as copas de árvores imensas escondem o úmido nascimento, reprodução e morte de mais de um terço das espécies que vivem na Terra. Os números são igualmente monumentais. A Amazônia é o maior bioma do Brasil: num território de 4,196.943 milhões de km², crescem 2.500 espécies de árvores e outras 30 mil espécies de plantas.



A bacia amazônica é a maior bacia hidrográfica do mundo, cobrindo cerca de 6 milhões de km² e tem 1.100 afluentes. Seu principal rio, o Amazonas, corta a região para desaguar no oceano Atlântico, lançando ao mar cerca de 175 milhões de litros d'água a cada segundo.

As estimativas situam a região como a maior reserva de madeira tropical do mundo. Seus recursos naturais também incluem enormes estoques de borracha, castanha, peixe e minérios, que representam uma abundante fonte de riqueza natural. Toda essa grandeza não esconde a fragilidade do ecossistema local. A floresta se sustenta a partir de seu próprio material orgânico e seu delicado equilíbrio é extremamente sensível a quaisquer interferências.

Amazônia. Disponível em: <<https://www.mma.gov.br/biomas/amaz%C3%B4nia>>. Acesso em: 17 nov. 2020.



Roda de Leitura

Aldeia Global

Boi Garantido

És Amazônia das águas
Teus santuários são divinos
Biodiversidade harmoniosa
Teus templos são berçários da vida

Um dia sentado à sombra
De um mogno na aldeia global
O ancião da tribo
O grande cacique Megaron
Ensinava as lições do espírito grande
Sobre a aldeia global

Que os homens vivam
Em paz com a natureza,
Cuidando dos rios,
Das florestas e dos animais

Permitindo assim que a vida
Prevaleça na harmonia
Do funcionamento universal
Não podemos nos permitir
Abandonar a ecologia
Para que permaneça
O equilíbrio da vida

E que sejam como os curumins
Caiapó, Yanomami e Atroari
E que vivam um mundo de paz
Preservando e amando a aldeia global

E que sejam como os curumins
Sateré, Karajá e Parintintin
Celebrando um tempo de paz
Preservando e cuidando da aldeia global



Hora da interpretação

1. Quem faz parte da aldeia global?
2. Quais lições do espírito grande o ancião da tribo nos ensinou?
3. A música diz para sermos como os curumins das aldeias indígenas. Como os povos indígenas tratam a natureza?
4. Nós fazemos parte da natureza? O que devemos fazer para viver em paz com a natureza?
5. Você acredita que o equilíbrio da vida depende de quem?



Na prática

Atividade: Varal da Natureza

Materiais: Papel A4, pincel marcador, pincéis coloridos, barbante, furador de papel.

Como fazer: A turma deve criar um mapa mental relatando como os índios interagem e quais são as formas usadas por eles para preservar a aldeia global (planeta onde todos vivem, interagem e estabelecem relações). Após a realização do trabalho, o mapa mental deverá ser exposto em sala de aula em forma de varal.





Tema



Queimada



Sabendo mais

As queimadas associadas ao desmatamento desenfreado estão intoxicando o ar que milhões de pessoas respiram e afetam a saúde da população da Amazônia brasileira.

O relatório “O Ar é Insuportável”, utiliza dados oficiais de saúde e meio ambiente para estimar que 2.195 internações hospitalares por doenças respiratórias em 2019 são atribuíveis às queimadas. Quase 500 internações envolveram crianças com menos de um ano de idade, e mais de mil foram de pessoas com mais de 60 anos. Essas internações representam apenas uma fração do impacto total das queimadas na saúde, considerando que milhões de pessoas foram expostas em 2019 a níveis nocivos de poluição do ar, decorrentes das queimadas associadas ao desmatamento da Amazônia.

As queimadas não ocorrem de forma natural na floresta amazônica. São provocadas após a derrubada de árvores, geralmente de forma ilegal, a fim de preparar o terreno para agricultura, pastagem ou especulação de terras. As queimadas geralmente atingem seu pico nos meses de agosto e setembro.

O desmatamento ilegal e as queimadas subsequentes ocorrem, muitas vezes, em terras indígenas ou no entorno, às vezes destruindo plantações e afetando o acesso a alimentos, plantas medicinais e caça, além dos impactos na saúde.

Queimadas na Amazônia afetam a saúde de milhares de pessoas. Disponível em: <<https://ipam.org.br/queimadas-na-amazonia-afetam-a-saude-de-milhares-de-pessoas/>>. Acesso em: 17 nov. 2020.





Roda de Leitura

Lamento de Raça

Toada do Boi Garantido / Compositor: Emerson Maia

O índio chorou, o branco chorou

Todo mundo está chorando

A Amazônia está queimando

Ai, ai, que dor

Ai, ai, que horror

O meu pé de sapopema

Minha infância virou lenha

Ai, ai, que dor

Ai, ai, que horror

Lá se vai a saracura correndo dessa quentura

E não vai mais voltar

Lá se vai onça pintada fugindo dessa queimada

E não vai mais voltar

Lá se vai a macacada junto com a passarada

Pra nunca mais, voltar

Pra nunca mais, nunca mais voltar

Virou deserto o meu torrão

Meu rio secou, pra onde vou?

Eu vou convidar a minha tribo

Pra brincar no Garantido

Para o mundo declarar

Nada de queimada ou derrubada

A vida agora é respeitada todo mundo vai cantar

Vamos brincar de boi, tá Garantido

Matar a mata, não é permitido

Vamos brincar de boi, tá Garantido

Matar a mata, não é permitido

Vamos brincar de boi, tá Garantido

Matar a mata, não é permitido



Hora da interpretação

1. Quem sofre e chora com a queimada?
2. Que animais correram e fugiram da queimada?
3. Quando os animais vão voltar?
4. Se a floresta queimar ou for derrubada e o rio secar, onde nós vamos morar?
5. O que você entende pela expressão: “minha infância virou lenha”?
6. Você quer que sua infância vire lenha?
7. O que podemos fazer para evitar isso?
8. Na sua comunidade, a floresta está sendo queimada?



Na prática

Atividade: Consequências das Queimadas

Materiais: Papel A4, pincel marcador, barbante e disposição para interação.

Como fazer: Os participantes devem confeccionar plaquinhas com as palavras fogo, humano, animal e água e pendurá-las ao pescoço. Quem estiver com a plaquinha “fogo” faz um círculo e os que usarem as plaquinhas “humano” e “animal” devem ficar fora do círculo. Os humanos e animais precisam tentar sair do círculo, mas se forem tocados pelo fogo, ficarão “colados” ao chão e somente a água que está fora do círculo poderá “descolá-los”. Todos devem participar desta atividade.

Importante: A quantidade de placas “humanos” e “animais” deve ser superior à quantidade de “fogo”. A “água”, por sua vez, deverá representar 10% da quantidade total de placas.





Tema



Várzea



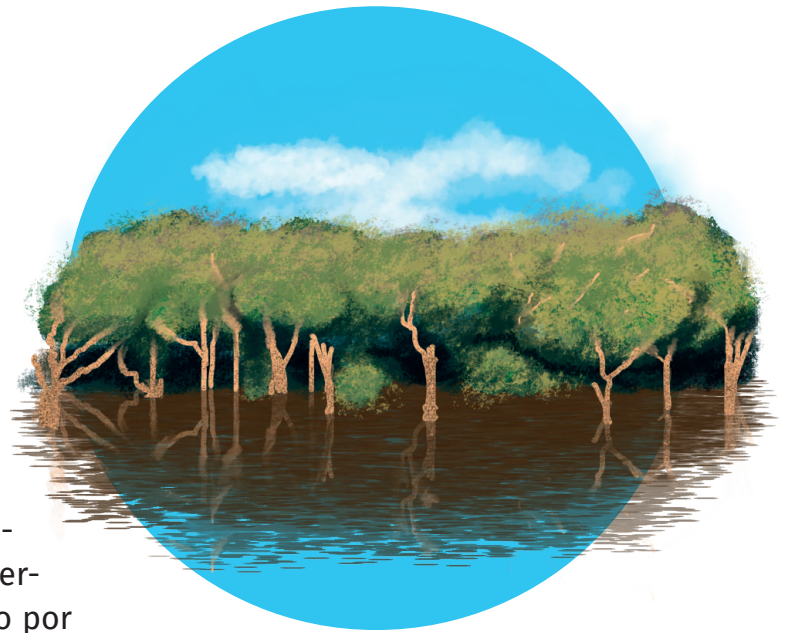
Sabendo
mais

A várzea representa a área que é inundada periodicamente pelas águas do rio. É um ambiente bastante instável, pois o rio constantemente gera fenômenos conhecidos como “terras caídas” e “terras crescidas”. O regime fluvial é formado por quatro estações: seca, enchente, cheia e vazante.

Durante a cheia, a várzea é totalmente inundada, enquanto que na seca a paisagem se torna um mosaico que consiste em quatro zonas ecológicas principais: canais, restingas, campos naturais e lagos. Essas quatro zonas são utilizadas de forma diferente pelos moradores. Os canais são rios e riachos de livre acesso, usados para transporte e para a pesca comercial. As restingas são os terrenos mais elevados que margeiam os canais onde se localizam as casas e as roças. Os campos naturais ocupam a zona entre as restingas e os lagos, e são usados como área de pastagem natural, bem como para o cultivo de culturas anuais de crescimento rápido. Os lagos são utilizados para pesca comercial e de subsistência.

A principal dinâmica ecológica da várzea é o “pulso de enchente”, pois com a subida da água, os peixes invadem os campos e florestas, alimentando-se dos organismos que ocupam esses ambientes. Com a vazante, muitos peixes deixam os lagos e campos e formam cardumes para migrar rio acima.

CASTRO, Fábio de. MCGRATH, David. O manejo comunitário de lagos na Amazônia. Biodiversidade, pesquisa e desenvolvimento na Amazônia. Parcerias estratégicas. 2001.





Roda de Leitura

Jutueiro da Amazônia

Boi Garantido

Eu sou caboclo ribeirinho

Eu sou juteiro

Agricultor das barrancas desse rio

Cada gota de suor nessa várzea derramada

Vem da fibra, planto fibra pra família sustentar

Tenho fé nossa senhora que a safra vai ser boa

Regatão trouxe a notícia que a enchente vai chegar

Sou juteiro da amazônia

Amazônia é meu lar

Meu compadre, planto juta pra família sustentar

Sou caboclo valente

Morador das barrancas desse rio barrento

Razão de vida e sustento das vidas deste lugar

Sou agricultor diferente, só planto quando o rio seca

E vivo da pesca quando o rio enche

Rema, maria, tá forte o banzeiro

Que tá garantido o nosso lugar

De catirina, de índio ou vaqueiro

Que o saldo da juta no boi vou gastar



Hora da interpretação

1. O que plantava o caboclo ribeirinho da música?
2. Você conhece alguém que cultive juta?
3. A várzea é um ambiente que está em constante mudança. Quem é o principal responsável por essas mudanças?
4. Quando o rio seca, o que o caboclo valente faz para sustentar a família?
5. E quando o rio enche, como ele vive?
6. Você prefere a várzea na época da cheia ou seca? Por quê?
7. Na sua comunidade, o que é cultivado na várzea em tempo de seca?



Na prática

Atividade: Memorizando as Mudanças de Várzea

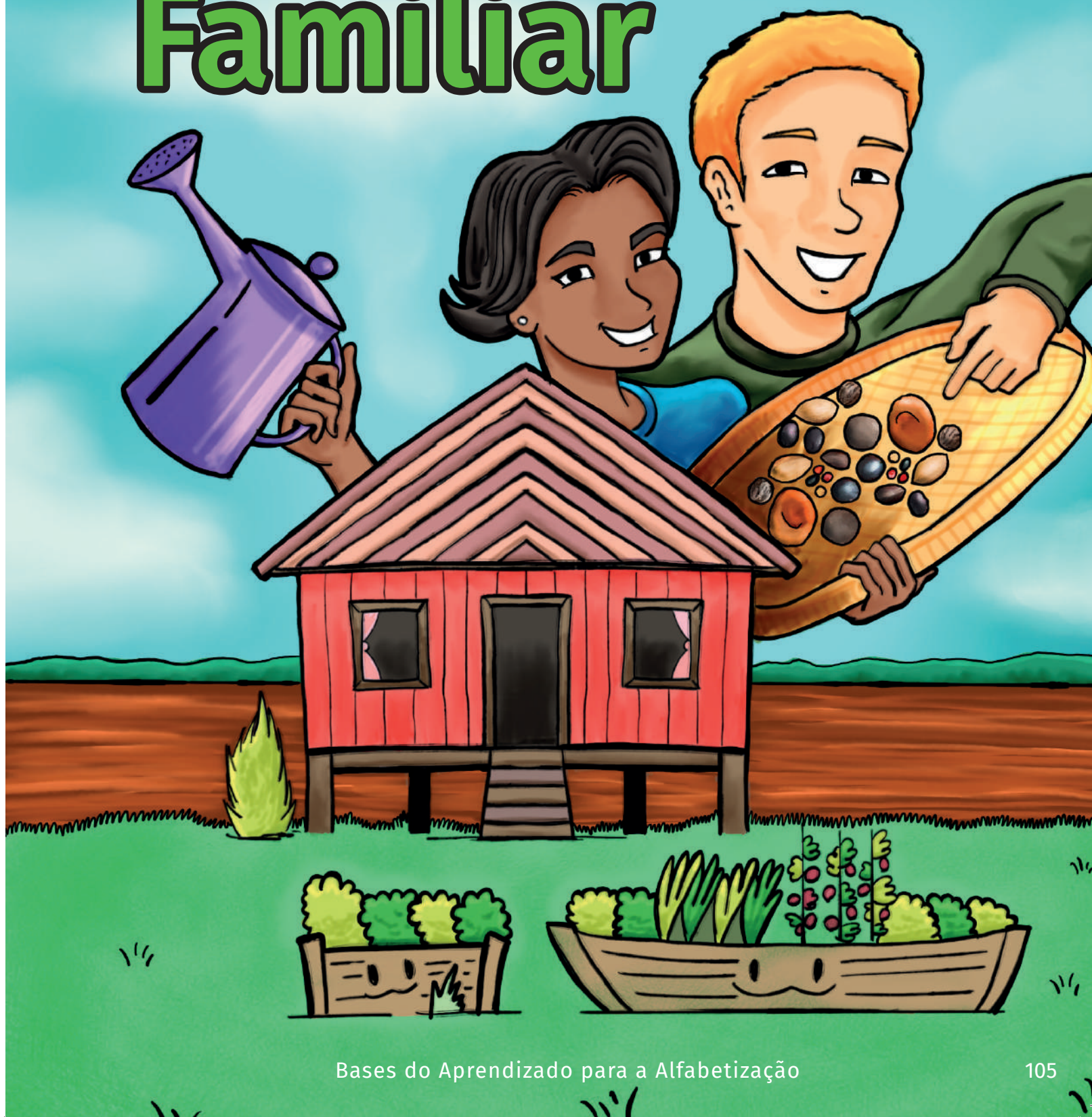
Materiais: Cartolinas, pincéis coloridos, pincéis marcadores, tesoura

Como fazer: Os deverão se dividir em grupos e fazer uma comparação entre como é a vida durante a cheia e a seca do rio, como é o sustento familiar e o que é cultivado durante esses períodos. Ao final dessa análise, os grupos farão desenhos (cada desenho deverá ter um par de imagens) que representam os dois períodos de seca e de cheia. Após a confecção dos desenhos, os estudantes elaborarão um jogo da memória. O representante de turma realizará um sorteio para que os grupos interajam entre si. Ex.: grupo 1 troca o jogo com o grupo 5 e assim por diante.



Capítulo 6

Agricultura Familiar



Agricultura Familiar



Descritivo

Seja para o consumo da família, para a comercialização, cultivo de uma simples horta doméstica ou para a produção de sementes, a agricultura familiar é a base do modo de produção tradicional de alimentos de populações na Amazônia. A prática colabora para a conservação, desenvolvimento e saúde do território. Destacamos, neste capítulo, a importância do tema.



Objetivo de aprendizagem

Conhecer e identificar as letras H, S



Perguntas Norteadoras

- Você participa das atividades de plantio com a sua família e/ou comunidade?
- O que a roça da sua família produz?
- Quais tipos de sementes encontramos na comunidade?
- Quais cultivos encontramos na horta da escola?



Atividade de nivelamento

Aplique as perguntas norteadoras e, num caderno, anote os nomes dos cultivos e sementes citados pela turma. Em tiras de cartolina, forme frases curtas utilizando as palavras citadas e recorte as tiras de cartolina, de modo a separar cada palavra numa ficha. Embaralhe as fichas e incentive a turma para reagrupá-las, formando novamente as mesmas frases, ou frases novas. Atenção: não pode sobrar nenhuma palavra solta, então auxilie a turma e faça as intervenções necessárias. Após esse “aquecimento”, inicie a aplicação do Guia de Atividade (GDA).



Tema



Horta



Sabendo
mais

Os benefícios de implantar uma horta caseira

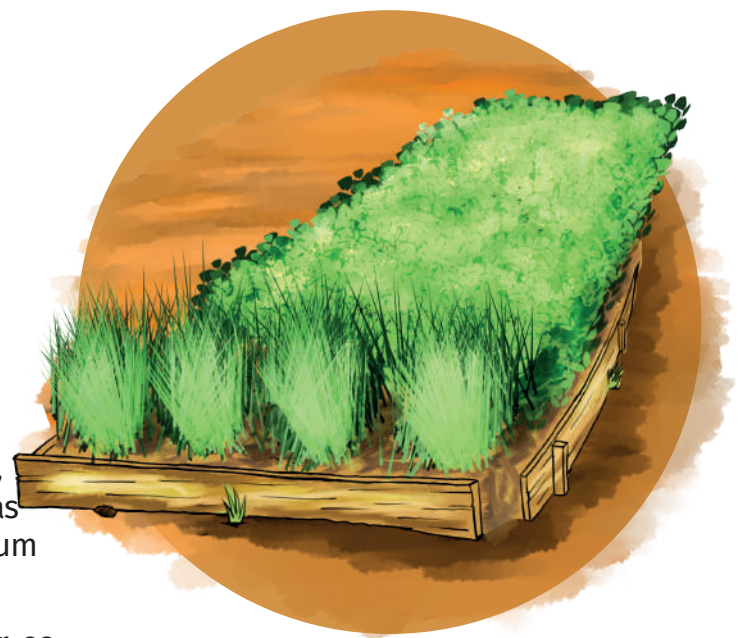
A implantação da horta doméstica possibilita o plantio diversificado e consorciado entre diversas espécies de interesse: hortaliças, temperos, plantas medicinais, frutas, tubérculos (batatas), PANCs (plantas alimentícias não convencionais), entre outras, que podem compor um rico ambiente de cultivo.

Para a escolha das espécies, é importante considerar os elementos nutricionais, os princípios ativos e até mesmo aperfeiçoar o paisagismo. Além da criação de hortas domésticas em quintais, e também em espaço escolar, a horta opera como um instrumento ideal para a educação, visando saúde e cidadania, a fim de complementar os conteúdos interdisciplinares das aulas, unindo os saberes técnicos e populares. Isso possibilitará que cada estudante possa aprender e desenvolver aptidões em conjunto.

As práticas desenvolvidas coletivamente, em puxirum (mutirão) familiar ou comunitário, tais como nos quintais produtivos, expressam os saberes locais e agroecológicos. Tais conhecimentos se ampliam no exercício do intercâmbio de experiências e se fazem desafiadores para o aprofundamento da relação entre cultura e nutrição. Além disso, também incentivam a construção de estratégias que assegurem condições do livre uso da biodiversidade à geração de renda, por meio da comercialização dos produtos da sociobiodiversidade.

Ao utilizar e manejar uma horta doméstica, inicia-se um processo de compreensão entre a redução do consumo desequilibrado e a responsabilidade compartilhada do cuidado com o meio ambiente.

Práticas agroecológicas: guia de saberes e práticas sustentáveis para comunidades ribeirinhas da Amazônia. Volume 1 - hortas caseiras. / Fundação Amazônia Sustentável (FAS), Manaus: FAS, 2020.





Roda de Leitura

Poesia

de Sandra Marli da Rocha Rodrigues

Debater é importante,
Mas é urgente e necessário
Facilitar a implementação
De políticas públicas que valorizem a nobre missão
De produzir alimento saudável
E fecundar nosso chão
Com sementes de vida,
Sementes de transformação.
Agroecologia é modo de vida,
Modo de produção.
Sem feminismo não há agroecologia,
Temos essa compreensão,
Que se fortalece a cada dia,
De invisibilidade e de opressão.
Que vive a camponesa,
No trabalho, na dura lida
Lutando e defendendo a vida.
Investir na agricultura camponesa, indígena e familiar
É ter clareza do seu papel elementar
Para assegurar a soberania alimentar.
Os olhos do mundo insistem em não enxergar,
Quem produz alimento pra fome do mundo eliminar
É a agricultura, camponesa, indígena e familiar.

Mulheres Camponesas do Brasil. Agricultura camponesa, indígena e familiar. Disponível em:
<<http://www.mmcbrazil.com.br/site/node/196>>. Acesso em 21 jun. 2021.



Hora da interpretação

1. Segundo a autora, qual é a nobre missão da qual fala a poesia?
2. O que é necessário fazer para garantir a soberania alimentar, ou seja, para que todas as pessoas tenham alimento na mesa?
3. Qual é o papel da mulher na agricultura familiar?
4. Qual a diferença da agricultura camponesa, indígena e familiar?
5. Quais cultivos são praticados em sua comunidade?



Na prática

Atividade: Horta na Escola

Materiais: vasos, baldes, latas, pá, terra/adubo e mudas.

Como fazer: É necessário, previamente, preparar as mudas para o plantio da horta. Sugerimos cultivos que podem ser utilizados na preparação da alimentação escolar, tais como: coentro, cebolinha, alfavaca, alface, tomatinho, couve, maxixe, que são cultivos rápidos para a colheita. Escolha um lugar para implantação da horta - o ideal é que seja um local que pegue sol pela manhã e sombra pela tarde. Oriente a turma para que prepare os vasos, baldes, latas com a terra com auxílio da pá e em seguida transplante as mudas. Faça plaquinhas de cartolina tamanho 10 cm x 3 cm e escreva o nome das plantas para identificação dos vasos. Uma dica é que as plaquinhas sejam revestidas com fita adesiva transparente para que durem mais, pelo menos até o tempo da primeira colheita. Tenha outras tiras de cartolina, pincéis e incentive a turma a escrever o nome de outras hortaliças, verduras, legumes e frutas que gostariam de plantar em outro momento.





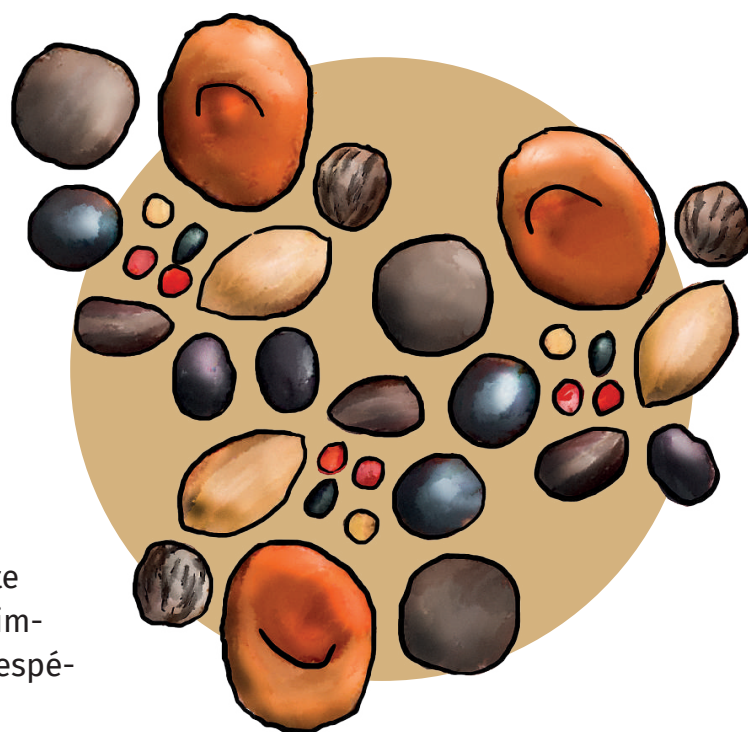
Tema



Sementes



Sabendo
mais



Em geral, a semente é um material utilizado para a multiplicação de plantas. Possui uma estrutura biológica complexa, contendo uma planta em miniatura, protegida por uma cobertura ou por parte do fruto. A semente desempenha uma importante função na sobrevivência das espécies e na produção agrícola.

A agricultura bem sucedida sempre dependerá da utilização de sementes de alta qualidade, por maiores que sejam os avanços tecnológicos na produção de alimentos. As sementes são os mecanismos mais rápidos e eficientes para a difusão de novos cultivares. Indiretamente, também são utilizadas para confecção de artesanatos e para usos tradicionais no preparo de chás e infusões.

Produção de Semente. Disponível em: <http://www.lpv.esalq.usp.br/sites/default/files/Import%c3%a2ncia%20Grad%202017_0.pdf> Acesso em 21 jun. 2021.



Roda de Leitura

Lenda do Guaraná

Em uma aldeias do povo Sateré-Mawé vivia um casal muito estimado por todos. Apesar da felicidade que os unia, faltava-lhe um filho para serem completamente felizes. Tupã sentiu pena e deu ao casal um menino que logo passou a ser adorado pelos indígenas.

Todos os habitantes da aldeia gostavam muito da criança e afirmavam que ele se transformaria em um grande chefe guerreiro. Isto fez com que Jurupari, o deus do mal, sentisse muita inveja do menino e resolveu matá-lo. Ao ver o menino brincando com os animais, Jurupari se transformou em uma enorme serpente.

Os animais, quando notaram a serpente, fugiram apavorados. O garoto continuou na floresta sem perceber a presença do invisível Jurupari, enquanto colhia frutas na floresta distraidamente antes de ser atacado e morto pelo deus.

Seus pais, que nada desconfiavam, esperaram em vão pela volta da criança. Aguardaram até que o sol fosse embora. Quando chegou a noite e a lua estava a brilhar no céu e a iluminar toda a floresta, seus pais já estavam desesperados.

Toda a aldeia se reuniu para procurá-lo. Quando o encontraram morto na floresta, uma grande tristeza tomou conta de todos. Ninguém conseguia conter as lágrimas. Naquele exato momento, uma grande tempestade desabou na floresta e um raio veio a cair bem perto do corpo do menino. Em seguida, fez-se silêncio e Tupã falou:

- Tirem os olhos do curumim e plantem na terra firme. Lembrem-se de regá-los com lágrimas durante quatro luas. Ali nascerá a planta da vida que dará força aos jovens e revigorará os velhos.

Assim foi feito e onde os índios enterraram os olhos da criança surgiu uma planta até então desconhecida, o guaranazeiro. É por isso que os frutos do guaraná são sementes negras rodeadas por uma película branca, muito semelhante a um olho humano.

Línguas, literaturas e culturas indígenas: lendas, contos e mitos. Disponível em: <https://issuu.com/helaniathomazineporto/docs/linguas__literaturas_e_culturas_ind>. Acesso em: 30 nov. 2020.



Hora da interpretação

1. A qual aldeia pertence o casal, personagens da lenda contada?
2. Como era a relação deles com os demais membros da aldeia?
3. Qual desejo eles gostariam de realizar enquanto casal?
4. Que entidade da floresta decidiu ajudar o casal na realização de seu sonho?
5. Que outra entidade decidiu interferir por inveja e maldade?
6. Se você pudesse ter um pedido seu atendido por Tupã, o que você pediria?
7. Você conhece o fruto do guaraná? Já experimentou?



Na prática

Atividade: Bole-Bole

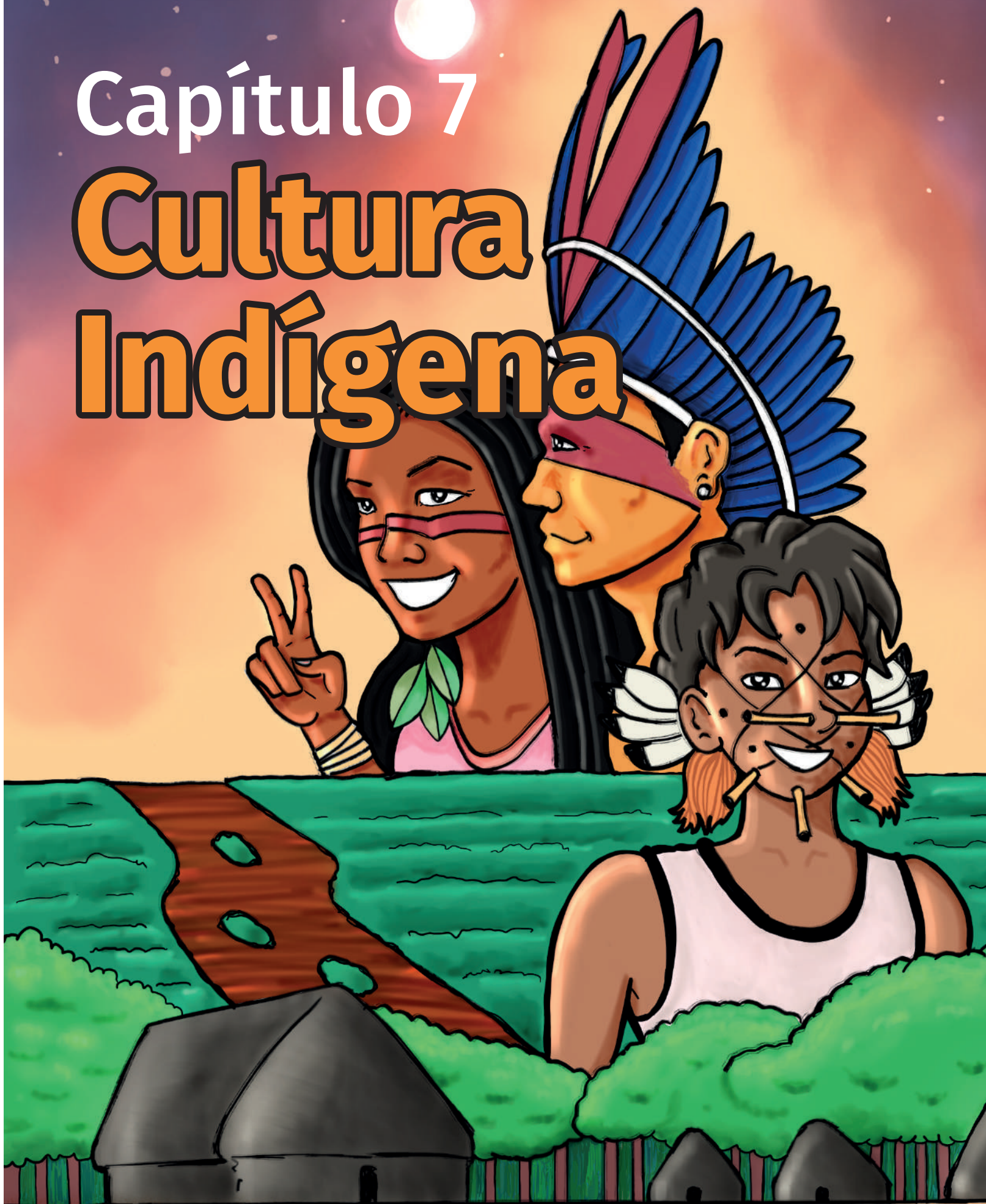
Materiais: Sementes

Como fazer: As crianças devem começar colocando uma semente em cada mão. A semente deve ser jogada para o alto e elas devem tentar pegá-la com o dorso das mãos, sem deixá-la cair. A cada rodada, acrescentam mais sementes: duas, três, quatro e quantas mais conseguirem. Para animar a atividade, podem se organizar em grupos e anotar o desempenho de cada participante, de modo que o grupo que somar o maior desempenho seja o vencedor da rodada.



Capítulo 7

Cultura Indígena



Cultura Indígena



Descritivo

São aproximadamente 180 povos indígenas que vivem na região amazônica. A cidade mais indígena no Brasil é São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas - a localidade abriga 23 etnias e cerca de 90% da população é indígena. Diante da importância histórica de nossos povos originários, a abordagem do tema “cultura indígena” torna-se completamente relevante na perspectiva de valorização de saberes, conhecimentos, crenças e tradições ancestrais.



Objetivo de aprendizagem

Conhecer e identificar as letras K, W, X, Y



Perguntas Norteadoras

- De quais povos indígenas você já ouviu falar?
- Quais rituais e tradições indígenas você conhece, já viu, leu ou assistiu algo relacionado?
- Você concorda que é necessário resgatar e promover a cultura indígena na escola?
- Como podemos fazer isso na escola?

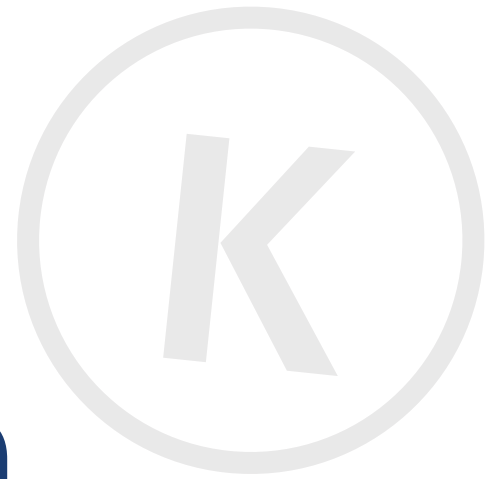


Atividade de nivelamento

Aplice as perguntas norteadoras e anote os nomes dos povos indígenas e elementos de cultura citados pela turma em tiras de cartolina. Tenha algumas palavras em mente, caso a participação da turma seja baixa e, ao final, peça para que organizem palavras em ordem alfabética, começando pela letra A. Auxilie as crianças e faça as intervenções necessárias. Após esse “aquecimento”, inicie a aplicação do Guia de Atividade (GDA).



Tema



Kokama



Sabendo
mais



Habitantes da região do Alto Solimões, o contato dos Kokama com a sociedade não-indígena remonta às primeiras décadas da colonização. Uma comunidade Kokama é formada essencialmente por grupos de parentes e entre eles há fortes vínculos. Todas as aldeias estão organizadas com as casas enfileiradas e próximas entre si, com as frentes voltadas para os cursos d'água e os fundos para as áreas de mata. As casas são construídas sobre estacas, de tal forma que, nas cheias, somente seus pilares ficam submersos.

Outro aspecto cultural é o ajuri, que consiste no trabalho coletivo de diversos grupos familiares, seguido de uma refeição conjunta, e o consumo de sua bebida tradicional, o pajuaru, feita a partir da fermentação da mandioca.

Os Kokama são fundamentalmente pescadores e agricultores. A mandioca é o produto agrícola mais consumido e produzido. A caça apresenta uma fonte suplementar de proteínas, principalmente no período das enchentes, quando o peixe se torna escasso. A coleta é também uma atividade praticada pelo grupo e os recursos mais utilizados são frutas e raízes, além de madeiras, palhas, cipó-titica e imbé, utilizados na construção de casas e outros artefatos.

Kokama. Disponível em: <<https://www.indios.org.br/pt/Povo:Kokama>>. Acesso em: 17 nov. 2020.



Roda de Leitura

Kokama Guerreiro

Yatai / Lua

Descendentes de índios guerreiros
Que sofreram com retaliações
São fortes, valentes e certos
São os Kokama do Alto Solimões.

Crescem em meio à natureza
Às margens do ligeiro rio
Contemplando a cultura e a beleza
Desse povo varonil.

Comendo o peixe assado, com pimenta e tucupi,
O tacate, a pupeca e o vinho do açaí,
A ingá, o cará, a mandioca e o abacaxi,
O beiju, o tucumã e o famoso caxiri.

Nas festas da comunidade
É onde mostram o ritual
Dançam com muita felicidade
O seu ritmo especial.

As suas lendas e seus contos
Para sua cultura são fundamentais,
Pois é onde retratam os ensinamentos
Dos seus sábios ancestrais.

Por isso, povo Kokama
Tenha orgulho de ser quem tu és,
Ame a tua CULTURA,
E te orgulhes deste chão debaixo dos teus pés.

Guarde no teu coração valente
A luta dos teus parentes
Que buscam com esforço fortalecer
E a cultura Kokama enriquecer.

RUBIM, DEYSE SILVA. Traçando novos caminhos: ressignificação dos Kokama em Santo Antônio do Içá, Alto Solimões. Manaus, 2016.



Hora da interpretação

1. Segundo o texto, os Kokama habitam qual calha de rio?
2. Quais são as características dos guerreiros Kokama?
3. Quais elementos da culinária Kokama são apresentados no texto?
4. Que festa os Kokama celebram?
5. Segundo o texto, como é o coração dos Kokama?
6. Pelo que eles lutam?



Na prática

Atividade: Kokama em Painel

Materiais: Papel 40 kg, canetas, pincel marcador, barbante ou fita gomada, giz de cera.

Como fazer: O(a) professor(a) deve fazer uma pesquisa prévia para compartilhar com a turma as principais características culturais dos povos Kokama: comidas típicas, artesanato produzido, tipos de festas e rituais praticados. Divida a turma em 2-3 grupos, sendo que cada grupo deve escolher um dos temas para criar um cartaz e apresentar aos demais colegas. Ao final das apresentações, os cartazes serão expostos dentro de sala, em forma de mural.



Anotações





Tema



Waku-Sese



Sabendo mais



A língua Sateré-Mawé integra o tronco linguístico Tupi. Os pronomes concordam perfeitamente com a língua Curuaya-Munduruku, e a gramática, ao que tudo indica, é tupi, mas o vocabulário mawé contém elementos completamente estranhos ao Tupi e não se relaciona a nenhuma outra família linguística.

Atualmente, os homens são bilíngues, falantes do idioma sateré-mawé e do português. Entretanto, apesar de mais de três séculos de contato com não-indígenas, nas aldeias mais afastadas ainda se encontram mulheres que só falam a língua materna.

A expressão Waku Sese é uma saudação da etnia Sateré-Mawé que expressa o sentido de estar tudo bem. Entre os Sateré-Mawé, as palavras, quando ditas na situação que lhes é própria, materializam e fazem acontecer o que foi dito. Na ampliação do conceito, por exemplo, ao encontrar ou se despedir de alguém dizendo as palavras “Waku Sese”, você deseja que coisas boas façam parte de sua vida. É um brinde e uma celebração à vida e a tudo de positivo que nos cerca na natureza.

Sateré-mawé; Língua. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Sater%C3%A9_Maw%C3%A9#L3.ADngua>. Acesso em: 18 nov. 2020.

A história por trás do nome. Disponível em: <<https://www.wakusese.com.br/o-waku-sese/#:~:text=O%20express%C3%A3o%20Waku%20Sese%20%C3%A9,sentido%20de%20estar%20tudo%20bem>>. Acesso em: 18 nov. 2020.



Roda de Leitura

Poesia Mawé

MAWÉ, MAURIS, MAHUÉ
ORAPIUM, MALRIÉ, MARAGUÁ
SOU DESSA TRIBO SATERÉ
UM DOS FILHOS DO GUARANÁ

SOU DO TRONCO TUPI
SOU A FLECHA ERRANTE
WATUNRIÁ, SOU AÇAÍ
SOU PAPAGAIO FALANTE

SATERÉ, LAGARTA DE FOGO
PENAS DE GAVIÃO, HWARIÁ
GUARANÁ DO NAPUWANIÃ
CUTIA PRO KORERIWÁ

EU VIM DE NUSOKÉN
ME CRIEI NOS IGARAPÉS
NOS RIOS COM CORREDEIRAS
RITO DE INICIAÇÃO, TUCANDEIRAS

SURUCUCU, DONA DA NOITE
EM BUSCA DA COMPRA, UÁNHAM
MANI, TIMBÔ. UARANÁ-CECÊ
FORÇAS CÔSMICAS DE MONÃ

GUERREIROS DE PORANTIM
TAUARÍ, ÇAPÓ, SA'ARY'PE
DEFUMAÇÃO, MUMIFICAÇÃO E URNAS
ÍDOLOS DE PEDRAS SATERÊ



Hora da interpretação

1. Quais os frutos citados na poesia Mawé?
2. Quais os animais citados na poesia Mawé?
3. Que outros elementos de cultura, ritos e tradições você identifica na poesia?
4. Você sabe o que significa waku sese?
5. Que outros povos indígenas você conhece?



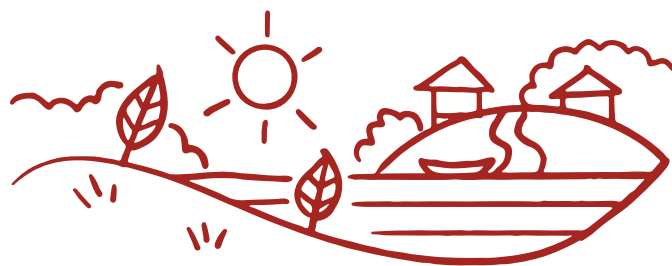
Na prática

Atividade: Jogo da Memória Mawé

Materiais: Folhas A4 e pincéis

Como fazer: O(a) professor(a) deve escolher e pesquisar previamente o significado de pelo menos 10 palavras do texto anterior descritas na língua materna Sateré-Mawé. Exemplo: Numa folha de papel A4, escreva a palavra PORANTIM e, em outra folha, o significado - “arma, remo e memória” - de modo a formar pares de palavras e significados.

Em voz alta, leia as palavras e os significados para que a turma sinalize e encaixe os pares. Quando todos os pares forem casados, embaralhe as fichas e inicie uma animada rodada do jogo da memória.





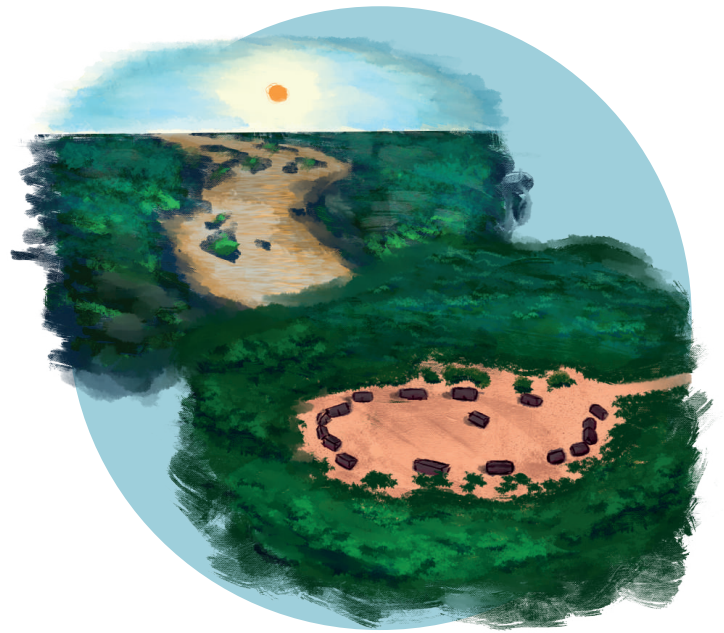
Tema



Xingú



**Sabendo
mais**



O Parque Indígena do Xingu localiza-se na região nordeste do estado do Mato Grosso e engloba, em sua porção sul, a área cultural conhecida como Alto Xingu, formada pelos povos Aweti, Kalapalo, Kamaiurá, Kuikuro, Matipu, Mehinako, Naruvotu, Tremai, Wauja e Yawalapiti. Essas etnias caracterizam-se por uma grande similaridade no seu modo de vida e visão de mundo e se articulam em uma rede de trocas especializadas, casamentos e rituais inter-aldeões.

O português é usado como língua de contato entre as diferentes etnias, que aprendem a língua portuguesa pela televisão, presente em quase todas as aldeias, e nas escolas, onde os professores indígenas ensinam a falar e escrever em português - embora todas as aulas sejam dadas nas línguas nativas.

A similaridade cultural entre os povos do Alto Xingu também se faz presente na predominância do uso do peixe sobre o da carne, no mesmo ideal de comportamento, que valoriza a generosidade (a disposição em doar) e a contenção dos humores.

Há itens produzidos e características comuns em todas as aldeias do Alto Xingu, tais como bancos que representam animais esculpido em uma só peça de madeira; o corte de cabelo curto e ovalado para os homens e longo com franja para as mulheres; os mesmos adereços e pinturas corporais; e a constituição de aldeias circulares - entretanto, cada um desses grupos faz questão de cultivar sua identidade étnica.

Xingu. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xingu#Contato_direto>. Acesso em: 21 nov. 2020.



Roda de Leitura

Kuarup: O ritual xinguano de despedida dos mortos

Os povos indígenas do Xingu se despedem de seus mortos celebrando o Kuarup, um alegre ritual de encerramento do luto. “Os mortos não gostam de ver os vivos tristes”, acreditam. Por essa razão, fazem uma festa exuberante, onde os “kuarup”, que são troncos de madeira decorados, representam o espírito dos mortos.

Diz a lenda que o Kuarup começou quando o pajé Mavutsinim preparou seis troncos para trazer de volta à vida seis pessoas que tinham morrido em sua aldeia. Depois de avisar que quem estivesse namorando não deveria sair de suas malocas, o pajé iniciou o ritual da ressurreição. Tudo ia bem até que um índio que estava namorando desobedeceu ao aviso e se aproximou do pajé. Naquele momento, os troncos pararam de se mexer.

Muito triste, o pajé disse que dali por diante os Kuarup serviriam apenas para reverenciar os espíritos dos mortos. Desde então, por tempos imemoriais, o ritual é celebrado para agradecer a convivência em vida e liberar os mortos para viverem em outro mundo.

Kuarup: O ritual xinguano de despedida dos Mortos. Disponível em: <<https://www.xapuri.info/cultura/povos-indigenas-do-xingu-se-despedem-de-seus-mortos-celebrando-o-kuarup-um-alegre-ritual-de-encerramento-do-luto-os-mortos-nao-gostam-de-ver-os-vivos-tristes-acreditam-por-ess/>>. Acesso em 02 dez. 2020.



Hora da interpretação

1. Qual é o nome do ritual de despedida dos mortos dos povos indígenas do Xingu?
2. Por que eles fazem um ritual alegre, uma festa exuberante para se despedir dos mortos?
3. O que os kuarup (troncos de madeira decorados) representam?
4. Qual era o desejo do pajé Mavutsinim ao fazer um ritual de ressurreição com os seis troncos?
5. Se não fosse a desobediência do índio ao pajé Mavutsinim, o que provavelmente teria acontecido com os seis troncos?
6. Quais outras formas você conhece de despedida dos mortos?



Na prática

Atividade: Ritual dos Mortos

Materiais: Criatividade e interação em grupo.

Como fazer: A turma deverá se dividir em grupos, para planejar e realizar uma breve encenação sobre o ritual de despedida dos mortos dos povos indígenas do Xingu. O ritual deverá ser pensado considerando o texto descrito anteriormente, cada grupo fará uma encenação a partir de suas interpretações.





Tema



Yanomami



Sabendo
mais

Os Yanomami formam uma sociedade de caçadores-agricultores da floresta tropical do Norte da Amazônia, cujo contato com a sociedade nacional é relativamente recente. Seu território é situado em ambos os lados da fronteira Brasil-Venezuela. O nome “Yanomami” foi produzido pelos antropólogos a partir da palavra yanõmami que, na expressão yanõmami thëpë, significa “seres humanos”.



Os grupos locais yanomami são geralmente constituídos por uma casa plurifamiliar, ou seja, cada casa coletiva ou aldeia prefere casar-se nesta comunidade de parentes, fazendo da casa coletiva ou aldeia yanomami um denso e confortável emaranhado de laços de consanguinidade e afinidade.

A palavra yanomami urihi designa a floresta e seu chão. Fonte de recursos, a terra-floresta, não é, para os Yanomami, um simples cenário inerte submetido à vontade dos seres humanos. Entidade viva, ela tem uma imagem essencial (urihinari), um sopro (wixia), bem como um princípio imaterial de fertilidade (në rope). Os animais (yaropë) são vistos como avatares dos antepassados míticos da primeira humanidade (yaroripë) que assumiram a condição animal em razão do seu comportamento descontrolado. Nas profundezas da urihi, escondem-se inúmeros seres maléficos (në waripë), que ferem ou matam os Yanomami, provocando doenças e mortes.

Yanomami. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Yanomami>. Acesso: 20 de nov. 2020.



Roda de Leitura

A Queda do Céu: Palavras de um Xamã Yanomami

Somos habitantes da floresta. Nossos ancestrais habitavam as nascentes dos rios muito antes de os meus pais nascerem e muito antes do nascimento dos antepassados dos brancos. Antigamente, éramos realmente muitos e nossas casas eram muito grandes. Depois, muitos dos nossos morreram quando chegaram esses forasteiros com suas fumaças de epidemia e suas espingardas. Ficamos tristes e sentimos a raiva do luto demasiadas vezes no passado. Às vezes, até tememos que os brancos queiram acabar conosco. Porém, a despeito de tudo isso, depois de chorar muito e de pôr as cinzas de nossos mortos em esquecimento, podemos ainda viver felizes. Sabemos que os mortos vão se juntar aos fantasmas de nossos antepassados nas costas do céu, onde a caça é abundante e as festas não acabam. Por isso, apesar de todos esses lutos e prantos, nossos pensamentos acabam se acalmando. Somos capazes de caçar e de trabalhar de novo em nossas roças. Podemos recomeçar a viajar pela floresta e a fazer amizade com as pessoas de outras casas. Recomeçamos a rir com nossos filhos, a cantar em nossas festas *reahu* e a fazer dançar os nossos espíritos *xa-piri*. Sabemos que eles permanecem ao nosso lado na floresta e continuam mantendo o céu no lugar.

KOPENAWA, Davi & ALBERT, Bruce. A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.



Hora da interpretação

1. Onde os indígenas Yanomami habitam?
2. Antigamente, os Yanomami eram muitos ou poucos? E hoje, continua do mesmo jeito?
3. O que o branco fez que leva o Yanomami a pensar que talvez o desejo do branco seja acabar com os indígenas?
4. Sobre quais sentimentos o indígena Yanomami fala em seu depoimento?
5. O indígena disse, que depois de muito choro, ele viu que ainda podem viver felizes. O que eles fazem que os deixam felizes?
6. O que o branco pode fazer para respeitar o índio?



Na prática

Atividade: Respeito Mútuo

Materiais: Cartolinas, canetas, pincéis coloridos ou giz de cera

Como fazer: A turma deve formar grupos e criar formas artísticas de expressão como, por exemplo, poesia, música, desenho ou encenação, e que expressem a importância do respeito mútuo entre as pessoas. O objetivo é mostrar que todos e todas - sejam homens, mulheres, crianças, brancos, negros ou indígenas - devem ser respeitados e respeitadas sem distinção, já que a nossa grandeza e força enquanto humanidade consiste nas diferenças que precisam ser respeitadas. Os grupos deverão apresentar o trabalho aos colegas e a pessoa educadora deve conduzir essa reflexão sobre o respeito universal.



“É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo.”

- Paulo Freire

A Fundação Amazônia Sustentável

Criada em 2008, a Fundação Amazônia Sustentável (FAS) é uma organização não governamental e sem fins lucrativos que promove o desenvolvimento sustentável na Amazônia. Reconhecida como uma entidade de assistência social, a FAS trabalha para garantir direitos de populações tradicionais por meio de projetos produtivos de base sustentável e de ações de pesquisa, desenvolvimento e inovação.

A Fundação foi criada a partir de uma parceria entre diversas instituições, entre elas a Petrobras. Vinculadas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), as ações abrangem as escalas global, amazônica e local, focando nos seguintes eixos: saúde, educação e cidadania, empoderamento comunitário, geração de renda, infraestrutura comunitária, conservação ambiental, gestão e transparência, pesquisa, desenvolvimento e inovação.

A missão da FAS é contribuir para a conservação ambiental da Amazônia, valorizando a floresta em pé e o bem-estar de comunidades ribeirinhas, com implementação e disseminação de conhecimentos que visem o desenvolvimento sustentável. A Fundação Amazônia Sustentável tem o objetivo de se transformar em uma referência mundial em soluções para o desenvolvimento sustentável na Amazônia, por meio da valorização da floresta em pé, do empoderamento comunitário e da ampliação e fortalecimento de parcerias.

MISSÃO

Contribuir para a conservação ambiental da Amazônia através da valorização da floresta em pé e sua biodiversidade e da melhoria da qualidade de vida das comunidades ribeirinhas associada à implementação e disseminação do conhecimento sobre desenvolvimento sustentável.

VISÃO

Ser referência mundial em soluções para o desenvolvimento sustentável na Amazônia, por meio da valorização da floresta em pé e sua biodiversidade, do empoderamento comunitário e da ampliação e do fortalecimento de parcerias.

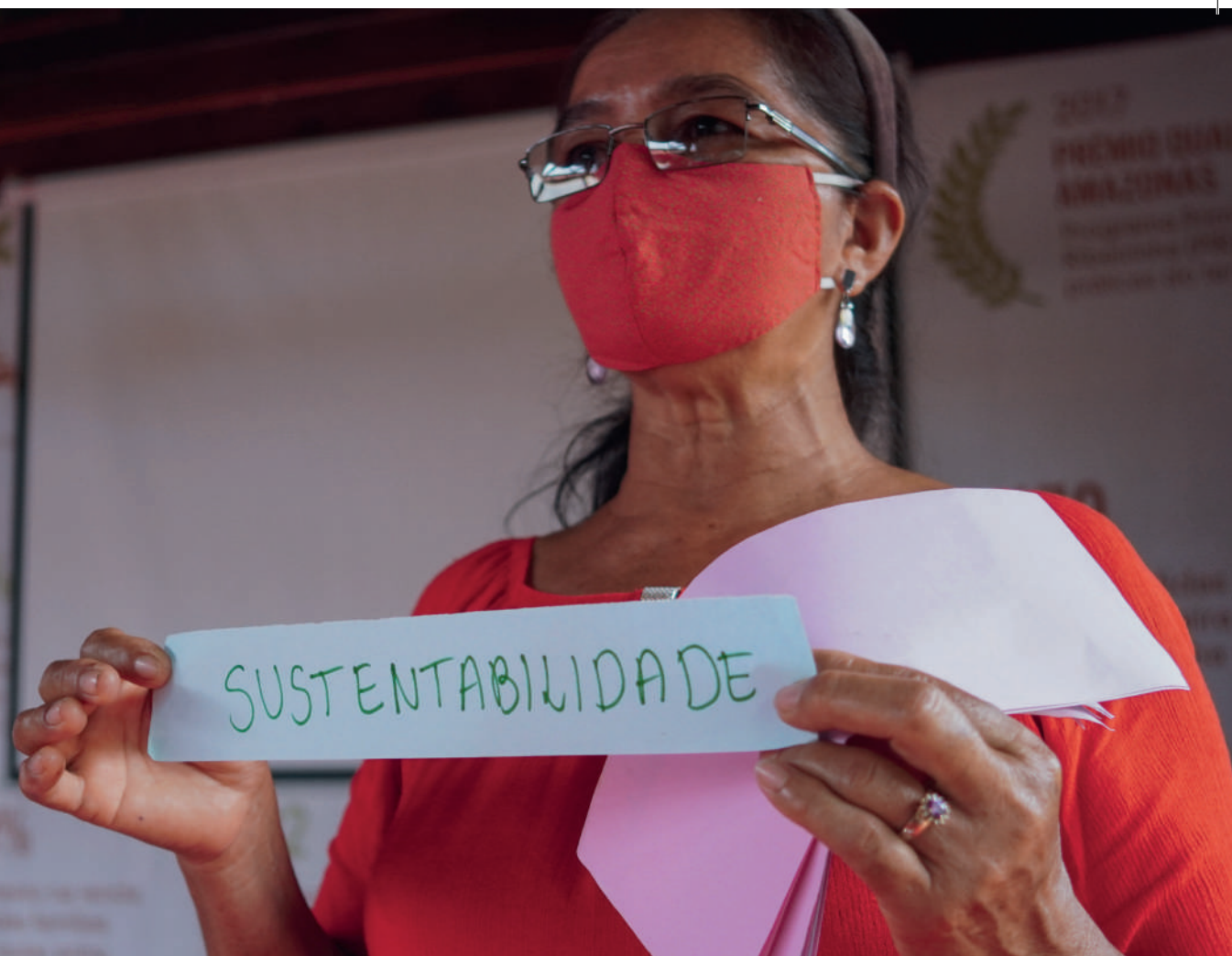


Foto: Samara Souza

Confira os programas da FAS:

<p>Programa de Gestão e Transparência (PGT)</p>	<p>Por meio de mecanismos e instâncias de gestão, o PGT atua junto à comunidade interna, com planejamento e avaliação de resultados de programas e projetos.</p>
<p>Programa Floresta em Pé (PFP)</p>	<p>O PFP está focado em quatro ações estratégicas: geração de renda, empreendedorismo, infraestrutura e empoderamento comunitário.</p>
<p>Programa Saúde na Floresta (PSF)</p>	<p>Resultado de ações da Aliança Covid Amazonas, o PSF qualifica o acesso à saúde, com políticas públicas e capacitações de profissionais da área.</p>
<p>Programa de Educação para a Sustentabilidade (PES)</p>	<p>Os trabalhos do PES são voltados à formação de crianças e adolescentes, garantindo oportunidades para uma educação mais inclusiva e de qualidade.</p>
<p>Programa de Soluções Inovadoras (PSI)</p>	<p>Com base em tecnologias sociais e soluções para a sustentabilidade desenvolve-se o PSI, cujos trabalhos focam em parcerias técnicas em PD&I.</p>
<p>Programa de Empreendedorismo e Negócios Sustentáveis da Amazônia (Pensa)</p>	<p>A estratégia do programa é formar pessoas e oportunizar recursos para desenvolver negócios sustentáveis na Amazônia.</p>

Foto: Samara Fabiane Nunes de Souza



Manaus • Amazonas
Rua Álvaro Braga, 351 Parque 10, CEP 69055 660
(92) 4009-8900 / 0800 722-6459

fas@fas-amazonia.org • fas-amazonia.org

